

JOILMA DE JESUS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES DO COLONIALISMO NA NIGÉRIA PÓS-INDEPENDENTE
EM HIBISCO ROXO, DE CHIMAMANDA ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como critério parcial para a obtenção da graduação no curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas.

Aprovada em: 14 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alyxandra Gomes Nunes - (UNEB)



Prof.^a Dr.^a Ilmara Valois Bacelar Figueiredo Coutinho - (UNEB)



Prof.^a Dr.^a Sally Cheryl Inkpin - (UNEB)

Santo Antônio de Jesus

2023



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS
DISCENTE: JOILMA DE JESUS SANTOS**

**REPRESENTAÇÕES DO COLONIALISMO NA NIGÉRIA PÓS-INDEPENDENTE
EM *HIBISCO ROXO*, DE CHIMAMANDA ADICHIE**

SANTO ANTONIO DE JESUS

2021

JOILMA DE JESUS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES DO COLONIALISMO NA NIGÉRIA PÓS-INDEPENDENTE
EM *HIBISCO ROXO*, DE CHIMAMANDA ADICHIE**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como avaliação parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras, Língua Inglesa e suas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Alyxandra Gomes Nunes

SANTO ANTONIO DE JESUS

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, que sempre me apoiou em todos os momentos de minha vida, mas em especial à minha mãe Joselita, meu pai José e a minha irmã, Joelia, que me auxiliou nas diversas correções e reformulações deste trabalho e me deu apoio nos momentos de maior insegurança em relação a esta pesquisa.

Aos meus amigos, principalmente ao professor Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos, com quem compartilhei todas as dúvidas e anseios em relação a este trabalho.

À professora Ilmara, que me ajudou na fase de revisão do primeiro capítulo.

À minha orientadora Dra. Alyxandra Gomes Nunes, pela compreensão e bons conselhos, pela leitura criteriosa deste trabalho e por não desistir de mim.

A meus professores do Ensino Médio, em especial ao/à professor/a Dr. André Sandes e Suzi Sandes, por tudo que fizeram por mim, pelos bons conselhos e incentivo

Por fim, agradeço ao corpo docente do Colegiado de Letras, Língua Inglesa da UNEB CAMPUS V, especialmente aos/às professores/as Dra. Alyxandra Gomes Nunes, Benicio Mato Filho que me inspiraram a estudar literatura, a Jamily Caribé, e aos/às coordenadores/as professores/as Dr. Wilson Mattos, Dra. Suely Santana do Afrouneb (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros).

RESUMO

A pesquisa em voga analisa as marcas coloniais que se perpetuam na sociedade nigeriana mesmo após a independência da Nigéria, a partir do romance *Hibisco Roxo* (2011), de Chimamanda Adichie. O objetivo desse trabalho é analisar o comportamento dos personagens, os princípios religiosos e morais que os regem, bem como a estrutura socioeconômica em que estão inseridos, a fim de mostrar que a independência política de um país não resulta necessariamente na extirpação completa do regime colonial. E, com base na narrativa literária de Chimamanda, analisada com base em estudos realizados por Silvério (2013), Nunes (2016), Fanon (1968) e, Ventura (2018), entre outros/as, evidenciamos que o colonialismo continua se reatualizando entre os colonizados, porque os colonizadores conseguiram implantar a sua mentalidade de tal maneira, que as vítimas da colonização acabam reproduzindo a concepção de mundo dos opressores. Isso fica evidente no romance *Hibisco Roxo*, sobretudo com o comportamento de Eugene, um nigeriano que tenta ser reconhecido como britânico, por isso age a contento.

Palavras-chave: Colonialismo. Hibisco Roxo. Chimamanda Adichie. Nigéria.

ABSTRACT

The current research analyzes the colonial marks that perpetuated themselves in Nigerian society even after the independence of Nigeria, based on the novel *Hibisco Roxo* (2011), by Chimamanda Adichie. The objective of this work is to analyze the characters' behavior, the religious and moral principles that govern them, as well as the socioeconomic structure in which they are inserted, in order to show that a country's political independence does not necessarily result in the complete extirpation of the regime colonial. The research is based on the literary narrative of Chimamanda and studies carried out by Silvério (2013), Nunes (2016), Fanon (1968) and, Ventura (2018), among others. We show that colonialism continues to be updated among the colonized because the colonizers manage to implant their mentality and values so that the victims of colonization end up reproducing the oppressors' conception of the world. This is evident in the novel *Purple Hibiscus*, above all in the behavior of Eugene, a Nigerian who tries to be recognized as British, so he is happy.

Keywords: Colonialism. *Purple Hibiscus*. Chimamanda Adichie. Nigeria

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	7
1 O COLONIALISMO E O PÓS-COLONIALISMO NA NIGÉRIA: O COLONIZADO FALANDO DE SI.....	9
1.1 CHIMAMANDA ADICHIE E O CARÁTER POLÍTICO DE SUAS NARRATIVAS FICCIONAIS.....	13
1.2 HIBISCO ROXO: UM RETRATO DA SOCIEDADE NIGERIANA PÓS-COLONIAL.....	16
1.3 O COLONIALISMO NÃO TEVE SEU FIM COM A INDEPENDENCIA: MARCAS DO SISTEMA COLONIAL BRITÂNICO EM HIBISCO ROXO.....	20
2- EUGENE ACHIKE: INDEPENDENTE, PORÉM COLONIZADO.....	23
2.1 INFLUÊNCIA DO COLONIALISMO NA RELAÇÃO ENTRE EUGENE E SUA FAMÍLIA.....	27
2.2 O SISTEMA COLONIAL EM SUA MULTIFACE: O DILEMA VIVENCIADO POR EUGENE COMO SÍNTESE DO COLONIALISMO NA NIGÉRIA PÓS-INDEPENDENTE.....	31
2.3 A BRITANIZAÇÃO DOS NIGERIANOS: SER RESITÊNCIA OU ALIADO DO SISTEMA COLONIAL?.....	34
3 KAMBILI, UMA RESISTENTE AO COLONIALISMO BRITÂNICO.....	39
3.1 A PROTAGONISTA, NARRADORA EM “HIBISCO ROXO” KAMBILI, E UM SILÊNCIO DIFERENTE.....	41
3.2 A INFLUENCIA DE IFEOMA NA VIDA DE KAMBILI E O DESPERTAR DA MENTALIDADE COLONIZADA.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *Colonialismo na Nigéria pós-independente em Hibisco Roxo*, tem como objetivo problematizar a colonização mental dos nigerianos a partir da narrativa literária de Chimamanda Adichie, haja vista que, com a leitura de *Hibisco Roxo*, é possível notar o quanto o colonialismo continua a influenciar as sociedades africanas, em especial a nigeriana, sobre a qual versa o referido romance de Adichie, mostrando ser preciso mais que a independência do país para que os nigerianos se reconstruam enquanto povo.

A sociedade nigeriana ainda não conseguiu se descolonizar por completo. As marcas de colonialidade ainda estão inscritas no modo de ser, agir e se organizar social e politicamente do povo nigeriano. São esses resquícios da colonização britânica na Nigéria, apontados no romance *Hibisco Roxo*, que serão investigados neste trabalho, com o intuito de problematizar o colonialismo. Pois, conforme vem demonstrando os escritores africanos, o colonialismo ainda impacta as relações sociais em África.

O colonialismo tem sido tema recorrente na literatura nigeriana, porque, embora o sistema colonial tenha sido abolido com a independência, as marcas da colonização britânica continuam presentes na vida dos nigerianos. É isso que a autora Chimamanda Adichie busca evidenciar em seu romance *Hibisco Roxo*, ao construir personagens mentalmente colonizados.

Em *Hibisco Roxo*, Chimamanda Adichie constrói personagens complexos, como é o caso de Eugene, homem bem-sucedido, cristão e extremamente conservador em seus costumes. Eugene é um africano culturalmente europeizado que renega fervorosamente as tradições culturais de seu povo por considerá-las primitivas demais. Ele acredita na superioridade dos europeus em relação aos africanos e tenta a todo custo negar as suas raízes, isto porque, além de usurpar os recursos materiais dos países colonizados, a colonização implantou o complexo de inferioridade entre os colonizados através da criminalização continuada de suas culturas.

Construindo um personagem mentalmente colonizado como Eugene, a escritora mostra que a estrutura colonial, mesmo após a independência, ainda se mantém operante na sociedade nigeriana. A hierarquia dos poderes, o *status* financeiro, o acesso à educação, tudo isso continua sendo definido segundo a lógica

colonialista de privilégios. Nesse sentido, embora a colonização da Nigéria tenha se encerrado com a independência, o colonialismo ideológico persiste na sociedade nigeriana pós-colonial. Em vista disso, evidenciaremos neste trabalho quais marcas de colonialidade estão inscritas no romance *Hibisco roxo* e quais as possibilidades de rompê-las a partir de uma análise decolonial.

De caráter bibliográfico, a presente pesquisa adota como metodologia a análise literária ancorada em bibliografias de intelectuais que abordam o colonialismo, a exemplo de Frantz Fanon (1968), e pesquisadores que realizaram estudos sobre a literatura adichieana. Para a realização da presente investigação, propusemos reflexões a respeito dos seguintes temas: representação literária; o sistema colonial britânico, em geral, e especificamente, na Nigéria; o processo de independência da Nigéria e sua sociedade pós-colonial; a produção literária de Chimamanda Adichie em geral e, o romance *Hibisco Roxo*, em especial.

A abordagem desses temas elencados aparece ao longo dos três capítulos desta monografia, cuja estrutura apresenta as seguintes características: o primeiro capítulo está dividido em quatro subtópicos, e traz como discussão principal a compreensão do colonialismo sob o ponto de vista do colonizado. Além disso, ressalta o caráter político das narrativas ficcionais de Adichie.

No segundo capítulo, é realizada a análise do personagem Eugene Achike, mostrando como ele se comporta em público e no privado com a família. Por fim, no terceiro e último capítulo, tratamos de falar da protagonista e narradora Kambili, personagem central do romance *Hibisco Roxo*, uma resistente ao colonialismo britânico, e a influência da tia Ifeoma, professora universitária no despertar da mentalidade colonizada de Kambili.

1 O COLONIALISMO E O PÓS-COLONIALISMO NA NIGÉRIA: O COLONIZADO FALANDO DE SI

Na história da literatura nigeriana, os escritores e escritoras da Nigéria buscam através das suas narrativas disseminar as experiências históricas vividas pelo povo nigeriano. Com esse intuito, ao ficcionalizar, acabam promovendo reflexões sobre os valores morais, as tradições religiosas, o sistema educacional e econômico e os aspectos políticos, durante o período colonial e no pós-colonial do país.

Segundo Alyxandra Nunes (2016), a “literatura produzida por Adichie, pertencente à terceira geração de escritores nigerianos, problematiza e rediscute a história de seu país (e da África num contexto internacional)” (GOMES,2016, p.12), uma vez que interessa aos ficcionistas nigerianos revisar a história para entender o presente e projetar um futuro diferente. Isso porque, conforme consta no livro *História Geral da África, VIII*; “ainda que expressos muitas vezes em língua estrangeira, a literatura e o teatro africanos são indissolúvelmente solidários com a política de libertação” (ÁFRICA,2010, p.30), em todos os aspectos.

Os estudos históricos sobre a presença europeia na África revelam que o colonialismo britânico na Nigéria inicia por volta da segunda metade do século XIX e início do século XX, mais precisamente por volta de 1807. Aproximadamente em 1861, a maior cidade da Nigéria, Lagos, torna-se colônia dos britânicos, e principal centro de expansão do comércio da Inglaterra, em missões católicas, e influência política. Conforme Wilson Trajano Filho e Juliana Dias (2015), o colonialismo pode ser compreendido como um fenômeno que conseguiu alcançar e dominar as mais diferentes práticas cotidianas do povo colonizado.

O colonialismo consiste em um sistema de exploração e dominação amplo, que abrange não só o campo da política, a economia e a cultura, mas principalmente, a estrutura social de uma nação sobre a outra, como foi o caso do império britânico na Nigéria. Segundo Valter Silvério (2013), autor do livro *Síntese da Coleção História Geral da África: Século XVI ao Século XX*, o colonialismo ocasionou muitas mudanças na Nigéria como também no Continente Africano de modo geral, conforme observa-se:

Na história da África jamais se sucederam tantas e tão rápidas mudanças como durante o período entre 1880 e 1935. Até 1880, apenas parte limitada da África era governada diretamente por europeus. Seus próprios soberanos

e chefes de linhagens estavam no controle de sua independência e soberania. Mas em 1914, com a única exceção da Etiópia e da Libéria, a África inteira viu-se dividida em colônias e submetida à dominação de potências europeias (SILVÉRIO, 2013, p. 338)

Em virtude dessa invasão europeia, vários movimentos de luta pela independência eclodiram em todas as colônias africanas, buscando findar o colonialismo europeu. Vai ser nesse período que a Nigéria também vai enfrentar o regime colonial britânico, a fim de tornar-se independente. Em 1960, a Nigéria finalmente conquista a sua independência, estando a um passo para a descolonização. No entanto, tal qual pontuou Silvério (2013), a África já não era mais a mesma após a colonização, por isso os países recém-independentes ao invés de concentrarem seus esforços para reconstruir o que se perdeu na era colonial, pela disputa do poder, travam conflitos infundáveis.

A Nigéria, por exemplo, desde que se tornou uma República, sofreu constantes golpes de Estado, desencadeando assim, a guerra civil. A guerra da Biafra, conflito que ocorreu de 1967 a 1970, foi motivada pelas diferenças culturais presentes no país e acentuadas pelos colonizadores, bem como pelas disputas de poder entre os três principais grandes grupos étnicos do país, o hauçá-fulani, os igbos, e os iorubas. Esses grupos étnicos, na tentativa de ocupar o espaço deixado pelos europeus, adotam a mesma lógica do colonizador para afirmar uma pretensa superioridade. Os hauçás oriundos do norte da Nigéria, e os igbos, oriundos do Sudeste do mesmo país, se negam a criar um governo de coalização que pudesse atender aos anseios do povo nigeriano e não apenas de um seletivo grupo étnico.

Com a chegada dos hauçás ao poder, a Nigéria passaria a viver um dos momentos mais atribulados de sua história. Visando suprimir a resistência dos igbos e dos iorubas, a cúpula governamental desabasteceu o país de alimento de forma que resultou na morte de mais de um milhão de pessoas. Segundo a pesquisadora Alyxandra Nunes (2016), apesar de findada a guerra, os conflitos étnicos se perduram na sociedade nigeriana, uma vez que:

não é um problema resolvido, ele está fluído e dissolvido no presente da nação, o que se reflete, por exemplo, em reclamações de igbos que se sentem negligenciados e discriminados dentro da nação Nigéria, mas aquilo a que chamam de nação não existe; é apenas o amalgamento de povos que foram forçados a viver em conjunto com o fim da situação colonial (NUNES, 2016, p.136).

A Nigéria, um dos maiores países do continente africano e o mais populoso, com cerca de 190,9 milhões (2017), antes da colonização britânica abrigava mais de 250 grupos étnicos diferentes. Estima-se que mais de 520 línguas oficiais eram faladas antes da invasão britânica. Percebe-se então a multiculturalidade e a pluriétnicidade nigeriana.

Conforme Jonh Comaroff aponta, o regime colonial “sustentou uma gramática de distinções que se inseriu no mundo dos colonizados, entrando nas suas próprias autoconstruções e afetando os modos como eles incorporaram suas identidades” (COMAROFF 1997, p. 25). A narrativa do romance *Hibisco Roxo*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, publicado em 2003, evidencia isso. A partir desse romance, buscamos entender de forma mais aprofundada, o quanto os ideais colonialistas continuam impregnados na cultura, nas relações sociais e políticas entre os nigerianos.

De acordo com o Wilson Filho (2015, p. 9), “o colonialismo foi mais do que um sistema de exploração econômica e de dominação política, podendo mesmo ser entendido como um modo de percepção do mundo e de enquadramento da vida social”. Ou seja, o colonialismo consiste em um sistema de dominação amplo, que abrange a política, a economia, a cultura e, principalmente, a estrutura social de uma nação sobre a outra, como foi o caso do império britânico na Nigéria.

O intelectual Frantz Fanon, em sua obra *Os Condenados da Terra* (1968), tendo descrito os impactos do colonialismo para os colonizados, que mesmo após a independência de seu país, tende a manter uma relação de dependência para com o colonizador, propõe a descolonização mental. Para este autor, “a descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua originalidade precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e alimenta a situação colonial” (FANON, 1968, p. 26).

Entretanto, segundo Juliana Sant'Ana Campos aponta, para compreender o sistema de colonização e a pós-colonização “é necessário levar em consideração os vários fatores que integram etnicidades do colonizador sobre o colonizado, desde a língua, religião, rituais, cor da pele” (CAMPOS, 2015, p.2). Compreendendo o sistema colonial nessa perspectiva, tem-se a possibilidade de entender como cada um destes elementos pode ser manipulado pelos colonizadores e assim repercutir na vida e no futuro do colonizado, fragilizando assim, toda estrutura de uma civilização, antes, unida e organizada. Nesse sentido, conforme Fanon:

A discussão em relação ao mundo colonial pelo colonizado não se resume e nem é apenas um confronto racial de pontos de vista. Não é um discurso sobre o universal, mas a afirmação desenfreada de uma singularidade admitida como absoluta, (FANON, 1968, p.30).

Desta forma, pautando-se nessa singularidade absoluta de que fala Fanon, os colonizadores britânicos impuseram direta ou indiretamente seus costumes culturais, a sua língua e religião aos nigerianos, os quais foram obrigados a afirmá-la como sendo absoluta. Por isso os nigerianos passam a rejeitar os seus próprios costumes e acabam valorizando os costumes do colono.

Em síntese, todo povo colonizado – “isto é, todo povo no seio da qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura” (FANON, 2008, p. 34). Essa tomada de posição do colonizado em relação à cultura do colonizador fica evidente nesse trecho do romance *Hibisco Roxo*:

Quando o padre Benedict chegou a Enugu. O padre Benedict mudara as coisas na paróquia, insistindo, por exemplo, que o credo e o kyrie fossem recitados apenas em latim; igbo não era aceitável. Além disso, devia-se bater palmas o mínimo possível, para que a solenidade da missa não ficasse comprometida. Mas ele permitia que cantássemos músicas de ofertório em igbo; chamava-as de músicas nativas (ADICHIE, 2011, p. 18-19).

Devido às inúmeras manipulações do colonizador e à proibição que impedia o povo nigeriano de se comunicar na língua Igbo para seguir os costumes britânicos, acabou se perpetuando dentro da própria nação a rejeição dos costumes tradicionais na Nigéria. A língua igbo, que antes da colonização era uma das principais línguas faladas entre os nigerianos, depois da invasão dos britânicos, tanto a referida língua, quando as religiões animistas próprias do continente africano, passaram a ser vistas pelo colonizado como algo primitivo.

Priscilla Ventura também ressalta que do ponto de vista histórico sobre a colonização da Nigéria pela Inglaterra, é de fundamental importância analisar o processo colonial britânico e suas possíveis superposições que possam virem ocorrerem sobre a cultura nigeriana e descrita por “nativa” seja ela cultural ou social (VENTURA, 2018, p. 21). Pois, conforme dissera Frantz Fanon (1968, p.30), "o mundo colonial é um mundo maniqueísta".

Por isso, a presente pesquisa investiga os resquícios da colonização na sociedade nigeriana, a partir do romance *Hibisco Roxo*, livro que consegue captar as sutilezas do comportamento dos nigerianos, as marcas de colonialidade. Em

conformidade com que Frantz Fanon, (1968) vem declarar a respeito da população dos colonizados, a qual é vista pelo colonizador como uma sociedade sem valores: “A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor já mais habitaram, o mundo colonizado” (FANON, 1968, p.31).

1.1 CHIMAMANDA ADICHIE E O CARÁTER POLÍTICO DE SUAS NARRATIVAS FICCIONAIS.

Chimamanda Ngozi Adichie é uma autora que, extraordinariamente, representa uma geração de escritores nigerianos na atualidade. Adichie, a quinta filha de seis irmãos, vem de uma família tradicional, de classe média do povo Igbo. Nasceu na Nigéria, em 15 de setembro do ano 1977, no estado de Enugu, mas devido a ocupação dos pais, senhor James Nwoye Adichie e a senhora Grace Ifeoma Adichie, Chimamanda cresceu na cidade de Nsukka, no sudeste da Nigéria, onde se situa a Universidade da Nigéria. Seu pai, James Nwoye Adichie, na época foi o primeiro professor negro de estatística do país a trabalhar na universidade, e sua mulher, Grace Ifeoma Adichie, também trabalhava como secretária na mesma instituição e em seguida tornou-se professora, sendo a primeira mulher negra a ocupar esse cargo.

Chimamanda Adichie fora uma leitora precoce, durante a sua infância leu muitos livros infantis britânicos e americanos. Adichie também se tornou do mesmo jeito uma escritora precoce, começando a escrever sua primeira história, quando ainda tinha apenas sete anos de idade. As histórias escritas por ela, quando criança, costumavam ser ilustradas com giz de cera, e eram exatamente parecidas com as dos livros lidos por ela, com todos os personagens brancos de olhos azuis, que gostavam de comer maçãs e costumavam brincar na neve.

Chimamanda Adichie vivia uma realidade em um país totalmente diferente do que os livros apresentavam para ela e não se via representada neles. Ela só passa a sentir-se parte da literatura quando conhece as produções literárias de escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, autores que inscreveram em seus escritos os temas próprios do continente africano. As obras escritas por Chinua Achebe e Camara Laye possibilitaram a Chimamanda, não só a chance de conhecer mais a sua própria cultura, mas, sobretudo, entender que o seu país também produz textos literários.

Adichie concluiu seu ensino médio na escola da universidade em que os pais trabalhavam, recebendo vários prêmios acadêmicos por se destacar dentre os seus colegas de classe. Estudou na Universidade da Nigéria, medicina e farmácia por um ano e meio. No decorrer desse período ela também atuou como editora da revista universitária *The Compass*, mas, em busca de novas oportunidades de estudos fora de seu país de origem, aos 19 anos, após ganhar uma bolsa de estudo, deixa a Nigéria e se muda para os Estados Unidos, a fim de estudar comunicação e ciências políticas, na Universidade Drexel, na Califórnia. Em seguida, ela se transferiu para a Universidade de Connecticut, com o intuito de ficar próximo da irmã. Em 2003, finalizou seu mestrado em escrita criativa na Universidade Johns Hopkins e, em 2008 recebeu seu outro certificado como Mestre de Arte em Estudos Africanos pela Universidade Yale. Adichie é autora de seis livros, sendo que o seu primeiro livro a ser publicado foi o romance *Purple Hibiscus*, lançado em outubro de 2003.

Entretanto mesmo com todos esses livros, Chimamanda só se tornou mais conhecida mundialmente através do TED¹, em 2014, onde ela fez várias conferências discutindo os mais diversos assuntos importantes na sociedade, dentre eles, destacam-se especialmente as questões de gênero e raça. Atualmente, Adichie é considerada uma das mais jovens e talentosas escritoras feministas negras anglófonas da literatura nigeriana na atualidade que tem atraído muitos novos leitores através das suas discussões e por meio dos livros traduzidos ao redor do mundo.

Atualmente, Chimamanda Ngozi Adichie mora nos Estados Unidos com seu marido Ivara Esege, médico nigeriano, e com a filha. No decorrer dos últimos 21 anos, desde as duas primeiras publicações, Adichie publicou mais seis livros *Purple Hibiscus* (2003), *Half of a Yellow Sun* (2006), *The Thing around Your Neck* (2009), *Americanah* (2013), *We Should All Be Feminists* (2014), *Dear Ijeawele, or a Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions* (2017), sendo que três são romances, um livro de contos, um ensaio, biografia, e o último é um manifesto.

O primeiro livro de Chimamanda Adichie publicado é *Purple Hibiscus* (2003), publicado pela editora “Workman Publishing Company”, um romance que mistura autobiografia e ficção, hoje traduzido para vários idiomas, inclusive para o português.

¹ TED é uma série de conferências feitas pela fundação Sapling na Europa, na Ásia e nas Américas, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, designada à disseminar ideias que possam mudar o mundo, através de suas múltiplas iniciativas. A organização tem como o seu principal lema “Ideas worth spreading” (ideias que merecem ser compartilhadas).

No Brasil, foi editado pela Companhia das Letras como *Hibisco Roxo*. Em 2011, o livro recebeu o Prêmio Commonwealth Writers como Melhor Primeiro Livro em 2005. O romance *Hibisco Roxo* é narrado em primeira pessoa pela personagem e protagonista Kambili Achike, uma adolescente de 15 anos.

A personagem principal narra a história de sua família. Kambili, filha de Eugene, um cristão fervoroso que cria seus filhos com o rigor dos preceitos do catolicismo, e renega fervorosamente as tradições culturais de seu povo por considerá-las primitivas demais, além ser um homem extremamente autoritário, utilizando-se da violência doméstica contra sua esposa Beatrice, evidencia em sua narrativa que o colonialismo está dentro de sua própria casa. No romance, a protagonista Kambili juntamente com o seu irmão Jaja sofrem o peso do colonialismo dentro das relações de sua família e só conhecem o mundo dos colonizadores. Eles só passam a conhecer um mundo novo, quando vão passar uma semana na casa da tia Ifeome, professora universitária e irmã de Eugene, momento crucial para o amadurecimento da personagem Kambili.

O segundo livro publicado da escritora foi o romance *Half of a Yellow Sun*, em 2006, romance, ficção histórica e, política, baseado em fatos reais transcorridos na década de 1960, foi também traduzido em várias línguas, e no Brasil editado pela Companhia das Letras com o título *Meio sol amarelo*, é narrado em terceira pessoa. A narrativa é contada através de três personagens principais: Ugwu, um garoto de treze anos, muito pobre trazido de um povoado para morar e trabalhar como criado do professor universitário Odenigbo; Olanna, filha de um homem rico e poderoso, e Richard Churchill, um jornalista britânico que se mudou para a Nigéria para escrever um livro.

O romance *Meio sol amarelo* é também um livro extremamente político, uma vez que reconstrói os eventos da Guerra do Biafra, tecendo as devidas críticas não só aos responsáveis diretos pelo conflito, mas também a toda comunidade internacional que se silenciou perante o sofrimento de milhões de pessoas. *Meio sol amarelo* foi vencedor do prêmio National Book Critics Circle Award e o Orange Prize de ficção, além de ter sido adaptado para um filme com o mesmo nome, dirigido por Biyi Bandele.

A terceira obra publicada da escritora nigeriana Chimamanda Adichie é *The Thing around Your Neck*, em 2009, é um livro de contos que reúne 12 histórias de mulheres, símbolos de resistência, apresentadas pela autora como heroínas inesquecíveis. Esse livro de contos, assim como os outros já citados, foi traduzido

para o português e publicado como *A Coisa à Volta do Teu Pescoço*, o nome do livro remete a um sentimento de sufoco, da falta de ar referente ao impacto abordado em cada uma das histórias.

O quarto livro publicado pela escritora é o *Americanah*, em 2013, um romance de ficção, no qual Chimamanda Ngozi Adichie parte de uma história de amor, para então abordar questões relevantes como o preconceito racial, a desigualdade de gênero e a xenofobia presentes na sociedade estado-unidense. O livro tem como protagonistas Ifemelu e Obinze, um casal jovem que vive uma história de amor, durante o regime militar nigeriano. Esse casal, em busca de novas oportunidades de estudos, deixa a Nigéria separadamente. Ifemelu vai para os EUA e Obinze para Inglaterra, mas apesar de tomarem destinos diferentes, ambos passam por situações semelhantes, principalmente no que tange as discriminações raciais sofridas e as tentativas de negar a sua identidade nigeriana.

Os dois últimos livros publicados pela escritora Chimamanda Adichie foram *We Should All Be Feminists*, em 2014, e *Dear Ijeawele, or a Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions*, no ano 2017. O *We Should All Be Feminists*, é um livro de ensaio Autobiográfico, e a quinta obra da autora, símbolo de defesa da igualdade de gênero, foi também traduzido para o português, além de outros idiomas, sendo editado no Brasil como: *Sejamos Todos Feministas*. Nele, Adichie, além de discutir a questão de gênero, relata sua experiência de ser chamada de feminista pela primeira vez por um amigo de infância durante uma discussão.

Após o grande sucesso do penúltimo livro, a escritora lança sua sexta obra *Dear Ijeawele, or a Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions*, esse livro é um manifesto, intitulado e publicado pela Companhia das Letras. *Para Educar Crianças Feministas*, em português, o livro está escrito no formato de uma carta, no qual Chimamanda volta a problematizar o tema da igualdade de gênero. Inspirado então, através de uma carta sua amiga, pois a carta ensinava como criar sua filha para que, desde nova, ela tivesse a igualdade de gênero, desse modo, a escritora criou quinze sugestões de como criar filhos dentro de uma perspectiva feminista.

1.2 HIBISCO ROXO: UM RETRATO DA SOCIEDADE NIGERIANA PÓS-COLONIAL

O romance *Hibisco Roxo*, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, publicado em 2003, pela editora estadunidense Workman Publishing Company, é uma obra que se tornou uma das produções literárias mais representativas do século XXI. Utilizando-se da metáfora do jardim de hibiscos, a autora Adichie narra neste seu romance a história de uma família de nigerianos que ainda sofre o peso dos ideais colonialistas. A obra é considerada o retrato da sociedade nigeriana, por expor os efeitos da colonização britânica, não só em relação aos vários acontecimentos na Nigéria, durante o seu processo de independência que se deu em 1960, mas, sobretudo, durante o período pós-colonial.

O livro, além de ser a representação do processo histórico pós-colonial do povo nigeriano, é também símbolo importante da literatura contemporânea, que possibilita conhecer através da sua narrativa todo o cenário político, educacional e social próprio da Nigéria pós-colonial. No romance, Chimamanda Adichie utiliza a narradora e personagem Kambili para narrar todo o cenário histórico pós-colonial vivido pelos nigerianos e, através dela, pontua os aspectos dos inúmeros golpes de estado cometidos pelos militares. Golpes esses que foram sucedidos em curtos intervalos de tempo entre um e outro, e que acabam desencadeado uma guerra civil, tornando um dos pontos cruciais para estimular o medo na sociedade nigeriana.

O contexto sócio-político da Nigéria fica evidente neste trecho de *Hibisco Roxo*:

Golpes levavam a mais golpes, disse Papa, contando-nos sobre os golpes sangrentos dos anos 1960, que acabaram se transformando em uma guerra civil logo depois que ele deixou a Nigéria para ir estudar na Inglaterra. Um golpe sempre iniciava um ciclo vicioso. Militares sempre derrubariam uns aos outros simplesmente porque tinham como fazer isso e porque todos ficavam embriagados pelo poder. (ADICHIE, 2011, p. 80).

Aimé Césaire ressalta em seu livro denominado *Discurso sobre o colonialismo* (1978) que para compreender melhor a estrutura do colonialismo é necessário conhecer seus principais aspectos, dentre eles o autor sinaliza o “regime de exploração desenfreada de imensas massas humanas que tem sua origem na violência e só se sustém pela violência” (CÉSAIRE, 1978, p. 7). Em vista dos fatores representativos, no romance *Hibisco Roxo*, algumas das falas do personagem Eugene revela que uma sociedade pós-colonial terá quase sempre iminente conflito motivado pela constante disputa de poder e manipulação por parte dos governantes.

A história vivenciada pela família da adolescente Kambili, protagonista e narradora do romance *Hibisco Roxo*, mostra as consequências da colonização da

Nigéria, que extirpou a cultura tribal e embranqueceu a elite. Eugene, pai de Kambili, representa a elite negra embranquecida. Dono de jornal e de fábricas de produtos alimentícios, Eugene é um católico conservador que acredita na ideia de pecado construída pelos colonizadores britânicos e, por isso renega os costumes e as religiões tribais nigerianas. Portanto, o personagem Eugene representa o capitalismo e a sua forma avassaladora de destruição das culturas tradicionais.

O catolicismo impregnado na sociedade nigeriana instaura uma competitividade entre a bondade e a tirania religiosa que rejeita as tradições do seu povo por ser julgada como primitivas e profanas, capazes de aterrorizar a vida dos nigerianos. A família de Kambili é destruída justamente em razão dessa combinação fé/medo e superproteção. Essa influência da religiosidade na vida dos colonizados e colonizadores, como esclarece Fanon, deve-se ao fato de que “os costumes do colonizado, suas tradições, seus mitos, sobretudo seus mitos, são a própria marca desta' indigência, desta depravação constitucional” (FANON, 1968, p. 31).

Uma das marcas da colonização ainda presente na sociedade pós-colonial nigeriana apontada no romance *Hibisco Roxo* é a religião imposta pelos colonizadores aos colonizados. Os missionários ingleses impuseram o catolicismo como única religião possível e admissível de ser praticada, proibindo então, os ritos religiosos locais. No entanto, durante a celebração do credo, o ofertório, eles sempre permitiam que o povo cantasse músicas igbo, chamada pelo padre Benedict de "música nativa". Essa permissão, como alerta Fanon, é apenas uma forma de conduzir os colonizados, não para a via de Deus, mas para a via dos brancos:

Mas os comunicados triunfantes das missões informam, na realidade, sobre a importância dos fermentos de alienação introduzidos no seio do povo colonizado. Falo da religião cristã e 'ninguém tem o direito de se espantar: A Igreja nas colônias é uma Igreja de Brancos, uma igreja de estrangeiros. Não chama o homem colonizado para a via de Deus, mas para a via do Branco, a via do patrão, a via do opressor. E como sabemos, neste negócio são muitos os chamados e poucos os escolhidos (FANON, 1968, p. 31).

A realidade expressa por Fanon é possível notar no romance *Hibisco Roxo*, onde fica nítido o exercício de poder do catolicismo. Isso fica bastante evidente quando a narradora Kambili começa a apontar a maneira como os nigerianos se comportam em relação aos costumes dos colonizadores britânicos, principalmente ao que se refere ao comportamento das pessoas em relação à religião, ao modo de vestir-se, de se comunicar oralmente em público e no privado entre família e

conhecidos, ou quando estavam conversando com os membros religiosos brancos da Nigéria, mesmo no após independência do país.

E desde a chegada dos colonizadores ao poder na Nigéria, após muita luta de resistência dos nigerianos, os britânicos conseguiram impor sua cultura europeia ao país, sobretudo, sua religião e língua, provocando, desse modo, não só a desestruturação das culturas nativas, mas também causando em especial o desentendimento entre os principais grupos étnicos existentes no país. Depois da independência do regime colonial britânico, a população nigeriana sofreu ainda mais devido aos constantes conflitos desencadeados pela rivalidade e disputa de poder, o que levou o país a sofrer vários golpes de estado, além de enfrentar uma terrível guerra civil.

Ifeoma, tia de Kambili, e irmã de Eugene, dentre as personagens do romance demonstra ser a mais consciente sobre o poder de manipulação que o colonizador exerce sobre o colonizado. Ifeoma sabia que os colonizadores impunham a sua língua e sua cultura como superiores às do colonizado com um único objetivo: ampliar o seu poder de controle. Essa ampliação do poder colonial fica claro, no romance, quando Eugene não permite que os filhos Kambeli, Jaja e a esposa Beatrice se comuniquem em Igbo publicamente, para não serem vistos como pessoas não civilizadas, principalmente se estivessem em locais como na igreja, escola ou conversando com pessoas brancas.

Papa quase nunca falava em igbo e, embora Jaja e eu usássemos a língua com Mama quando estávamos em casa, ele não gostava que o fizéssemos em público. Precisávamos ser civilizados em público, ele nos dizia; precisávamos falar inglês. A irmã de Papa, tia Ifeoma, disse um dia que Papa era muito colonizado, (ADICHIE, 2011, p. 49, 50) -

Todo esse cuidado de Eugene para se comunicar pelos códigos culturais dos colonizadores brancos visava tão somente escapar ao rótulo de incivilizado, de negro, no sentido pejorativo que os brancos sempre utilizam quando se colocam em oposição aos sujeitos colonizados. E em virtude de não querer se passar por incivilizado, os nigerianos adotam uma estrutura social que não lhe pertence, e isso propicia o conflito religioso, indentitário, político e econômico. Para Eugene todo esse dilema poderia ser superado com a fundação de uma sociedade democrática, conforme expressa: "Mas o que nós, nigerianos, precisávamos não era de soldados para nos comandar;

precisávamos de uma democracia renovada. Democracia renovada” (ADICHIE, 201, p.81)

A rejeição pela própria cultura e religião tradicional, trouxe sérias consequências para a Nigéria, como por exemplo, os problemas salariais e pedagógicos pelos quais as universidades nigerianas tiveram de enfrentar, a censura, a opressão política das mais variadas formas, a forma como o catolicismo penetra capciososa e poderosamente na moral local.

1.3 O COLONIALISMO NÃO TEVE SEU FIM COM A INDEPENDÊNCIA: MARCAS DO SISTEMA COLONIAL BRITÂNICO EM *HIBISCO ROXO*

Com a invasão dos colonizadores britânicos na África, mais precisamente na Nigéria, inicia-se a destruição de uma civilização organizada e solidária. Mas com a chegada dos missionários brancos tudo mudou ainda mais. Com as inúmeras manipulações perpetradas contra os colonizados, a igreja católica consegue modificar a dinâmica social do povo nigeriano, conforme Kambili revela.

O padre Benedict mudara as coisas na paróquia, insistindo, por exemplo, que o credo e o kyrie fossem recitados apenas em latim; igbo não era aceitável. Além disso, devia-se bater palmas o mínimo possível, para que a solenidade da missa não ficasse comprometida. Mas ele permitia que cantássemos músicas de ofertório em igbo; chamava-as de músicas nativas, e quando dizia “nativas” a linha reta de seus lábios pendia nos cantos e formava um U invertido. ((ADICHIE, 2011, p. 17, 18)

Em uma das falas da narradora e protagonista Kambili, ela também descreve como o missionário britânico ensinava as crianças a se comportar na igreja, e como os nigerianos se referiam ao padre chamado Benedict. O padre já congregava na mesma paróquia St. Agnes há mais de sete anos, porém as pessoas sempre referiam ao mesmo como "o nosso novo padre". (ADICHIE, 2003, p. 16). Por se tratar de um homem branco, ele era idolatrado pelo povo, tinha atenção e admiração de todos que frequentavam a igreja, o que provavelmente nunca haveria acontecido se o mesmo padre fosse negro ou um tradicionalista.

É possível perceber no decorrer do romance *Hibisco Roxo*, que a relação entre colonizador e colonizado, mesmo depois da independência continua sendo de uma relação de poder absoluto, cuja prática se perpetua por meio da prática religiosa e do

discurso do colonizado em relação ao povo da própria sociedade que vive. Um exemplo disso é quando Eugene refere-se ao avô materno de seus filhos, o pai de Beatrice, que era tido por Eugene quase como um “super-herói” por converter a várias pessoas, além dele ser um homem de pele clara como é descrito no romance por Kambili que parecia quase com um albino. O avô materno era bem aceito e reverenciado por Eugene pelo fato dele ser branco, falar inglês, mesmo com o forte sotaque igbo, um pouco de latim, e por ter sido o primeiro catequista; “Quando se tornou um intérprete, sabem quantas pessoas ajudou a converter? Ora, ele converteu pessoalmente quase toda a população de Abba! Fazia as coisas do jeito certo, do jeito que os brancos fazem, não como nosso povo faz agora!” (ADICHIE, 2011, p. 220).

No romance *Hibisco Roxo*, percebe-se igualmente a supervalorização do que é voltado para a cultura do colonizador desde a sua brancura, crença, a língua falada, a escolaridade e o status social. Diante dessa situação, a sociedade em geral do país fica preso à condição de colonizado, a ponto de rejeitar tudo que é voltado para a cultura tradicional, a começar pela religião praticada pelos mais velhos.

O colonialismo está ainda vivo na sociedade nigeriana. Um exemplo disso é o comportamento de Eugene com o próprio pai Papannukwu, que foi excluído do convívio familiar, humilhado pelo filho ao ponto de chamá-lo de “pagão” e “adorador de ídolos”, por ter continuado com seus costumes tradicionais, e não se converter para a religião do colonizador. No entanto logo ao saber da morte do pai, Eugene questiona sua irmã Ifeoma se ela havia chamado o padre para converter o pai antes de morrer, e exigia que o enterro do pai fosse conforme as regras do catolicismo, religião do colonizador.

Eugene, nosso pai adormeceu - anunciou tia Ifeoma.

Papa encarou-a por alguns instantes, e a surpresa foi arregalando seus olhos estreitos, que ficavam vermelhos com tanta facilidade.

- Quando? - perguntou.

- Esta manhã. Ele morreu dormindo. Os homens do necrotério o levaram há poucas horas.

Papa se sentou, pousou lentamente a cabeça entre as mãos e eu me perguntei se ele estava chorando e se seria aceitável eu chorar também. Mas quando Papa ergueu o rosto não vi nenhum vestígio de lágrimas em seus olhos.

- Você chamou um padre para lhe dar a extrema-unção? - perguntou.

Tia Ifeoma ignorou-o e continuou a olhar suas mãos, que estavam em seu colo.

- Ifeoma, você chamou um padre? - perguntou Papa.

- É só isso que você vai dizer, hein, Eugene? Não tem mais nada a dizer, gbo? Nosso pai morreu! Sua cabeça está virada, por acaso? Você não vai me ajudar a enterrar nosso pai?

- Não posso participar de um enterro pagão, mas podemos conversar com o padre da paróquia e fazer um enterro católico. (ADICHIE, 2011, p. 617 - 619)

Nota-se com base nesse trecho do romance que o colonialismo ainda predominante na Nigéria, mesmo após independência, porque a descolonização jamais aconteceu por completo. A prova disso é a permanência da igreja católica e de outras religiões cristãs como substitutas definitivas das crenças religiosas tradicionais próprias do povo nigeriano.

2- EUGENE ACHIKE: INDEPENDENTE, PORÉM COLONIZADO

Em seu romance *Hibisco Roxo* (2011), a escritora Chimamanda Ngozi Adichie mostra como a colonização influencia o comportamento dos nigerianos, mesmo após a independência. Criando um personagem como Eugene Achike, nigeriano que adotou o cristianismo e relegou as práticas religiosas próprias de seus país, a autora evidencia que apenas abolir o sistema colonial não é o suficiente para que o colonizado recupere o que foi surrupiado pelos colonizadores europeus, especificamente os britânicos.

Eugene, apesar de viver na época da pós-independência, é um homem mentalmente colonizado no sentido de suas ações e seu modo de ser refletirem a visão de mundo do colonizador. A colonização havia chegado ao fim, mas não suas consequências, por isso o personagem Eugene continuava acreditando que o cristianismo era a crença certa, não aqueles ritos de seus antepassados; o inglês era melhor, não aquelas línguas tribais da Nigéria; os brancos eram mais bonitos e “superiores” aos negros nigerianos.

Por acreditar nisso, Eugene se tornou um fervoroso católico, usava o inglês não apenas para se comunicar em público, mas também para se comunicar com a sua família, porque estava certo de que agindo assim conseguiria igualar-se ao colonizador. No entanto, a verdade é que ao assumir essa postura, Eugene estava apenas renegando a sua própria existência enquanto homem africano, comprovando o que o poeta e político da negritude Aimé Césaire, em 1977, havia afirmado que, a colonização é capaz de destruir toda e qualquer civilização por maior e mais organizada que ela seja.

Em seu livro intitulado *Discurso Sobre o Colonialismo*, Aimé Césaire afirma que “milhões de homens a quem inculcaram sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o temor, a genuflexão, o desespero, o servilismo” (CÉSAIRE, 1977, p..26), são incapazes de se livrar da colonização de imediato, pois o sistema colonial é uma estrutura complexa que funciona com o auxílio do próprio colonizado. Segundo Frantz Fanon “o que este exige não é o estatuto de colono, mas o lugar do colono” (FANON, 1968, p.27). Afinal, o poder do colonizador seduz o colonizado, fazendo com este deseje assumir o lugar daquele.

Nesse sentido, tendo apreendido a desprezar o que há de mais singular na sua cultura, no seu modo de ser, o colonizado passa a assimilar os costumes do colonizador. É possível notar essa tendência nesse trecho do romance *Hibisco Roxo*:

Papa quase nunca falava em igbo e, embora Jaja e eu usássemos a língua com Mama quando estávamos em casa, ele não gostava que o fizéssemos em público. Precisávamos ser civilizados em público, ele nos dizia; precisávamos falar inglês. A irmã de Papa, tia Ifeoma, disse um dia que Papa era muito colonizado (ADICHIE, 2011, p. 49-50).

Enquanto sujeito colonizado, Eugene, ao assimilar os costumes do colonizador, ele busca assumir o lugar do colono, uma vez que através do seu comportamento menospreza os costumes da cultura tradicional Igbo, e supervaloriza os costumes ocidentais por acreditar que são melhores e mais “civilizados”. De acordo com Frantz Fanon, “todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (FANON, 2008, p. 34). Vale ressaltar que, esse comportamento colonizado de Eugene vai além do uso da língua do colono, pois estando inserido em uma sociedade cuja estrutura social, econômica, política e cultural ainda funciona segundo as diretrizes do antigo sistema colonial, é de se esperar que Eugene passe a incorporar outros elementos que são próprios dos colonizadores.

A escritora Chimamanda Adichie evidencia em seu romance, por meio do personagem Eugene, o quanto o colonizado é algoz de si mesmo quando faz uso da cultura do colonizador, na tentativa de igualar-se a ele. Uma pessoa mentalmente colonizada deixa-se permanecer colonizada mesmo depois de conquistar a independência, e um povo que não consegue ser livre, não merece a liberdade, por isso além de pôr fim ao sistema colonial, todos os colonizados precisam deixar seus corpos e suas mentes livres das influências coloniais. Foi nesse sentido que a abolicionista estadunidense Harriet Tubman, (ANO) que viveu entre os séculos XIX e XX, fez a sua célebre afirmação: “libertei mil escravos. Podia ter libertado outros mil se eles soubessem que eram escravos”.

De maneira semelhante, poderíamos usar esse pensamento de Harriet Tubman (ANO) para afirmarmos que os nigerianos conseguiram a independência, mas muitos ainda continuam colonizados porque não sabem ou não querem passar pelo processo de descolonização da mente e do corpo. É isso que conseguimos perceber com o personagem Eugene, no livro *Hibisco Roxo*. Iludido, Eugene acreditava que fazia parte

do grupo do colonizador, por isso considerou a tentativa do padre Amadi de conciliar a cultura nigeriana e britânica como problemática. A seu ver, a missa deve ser ortodoxa, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Aquele jovem padre cantando no meio do sermão como um homem sem Deus de uma dessas igrejas pentecostais que brotam em todos os cantos como cogumelos... Pessoas como ele trazem problemas para igreja. Precisamos nos lembrar de rezar por sua alma - disse Papa (ADICHIE, 2011, p. 93)

A colonização mental foi um dos focos do sistema colonial, pois, os colonizadores sabiam que com um corpo colonizado ainda havia ameaça, mas com uma mente colonizada o sucesso da colonização estaria garantido. Para efetivar o seu total controle, os colonizadores ingleses impuseram aos nigerianos a sua língua, sua cultura, sua organização política e econômica, os afastando cada vez mais de um modo de vida que era comum aos seus antepassados. Assim, sem conexão com o legado de seu povo, os colonizados nigerianos passaram não só a agir, mas a se ver como um colonizador, no sentido de exercer o poder.

Conforme Roberta Resende revela em sua tese, durante o período colonial a cultura do colonizado foi sistematicamente apagada, se não reduzida ao status de subcultura”, (RESENDE, 2013, p.19), o que explica o porquê de Eugene abandonar a cultura tradicional. Segundo Valmir Pereira (2019), aos poucos os saberes e costumes dos colonizados foram substituídos pelos saberes e costumes dos colonizadores, “bem como o seu modo de ser, de se vestir, e de estar no mundo” (PEREIRA, 2019, p.8) sendo este um dos principais motivos para a desintegração da cultura Igbo.

Eugene foi educado por meio de escolas missionárias criadas e coordenadas pelos missionários britânicos, o que tornou um dos fatores decisivos para sua construção como indivíduo colonizado, tanto nos aspectos cultural e social, como no aspecto comportamental. Será adotando essa estratégia que Eugene acaba conseguindo a sua ascensão econômica no seio da sociedade nigeriana. Ele que é um “Homem Grande”, como é chamado em algumas passagens no romance, grande pelo status socioeconômico e pela influência, por ser dono de várias fabricas de produtos alimentícios, um jornal e, sobretudo, dono de títulos importantes, tais como prêmio de “direitos humanos da Anistia Internacional” e o título de "Omeloral", o qual é tão cobiçado e respeitado por todos, em razão de só ser concedidos apenas aos homens mais ricos das comunidades como Eugene.

Tendo em vista que tudo isso faz parte também de uma hierarquização, ao receber o título "Omeloral", no romance *Hibisco Roxo*, Eugene irá desempenhar o papel de ajudar as pessoas do ponto de vista financeiro, chegando, inclusive, a dar alimento aos não convertidos ao cristianismo, incluindo o seu próprio pai, cujo nome é "PapaNnukwu". Chimamanda mostra em sua obra em *Hibisco Roxo*, que o título "omelora" recebido pelo personagem Eugene significa "Aquele Que Faz pela Comunidade". O personagem recebeu essa honraria por prezar pelo bem-estar de todos, incluindo os tradicionalistas que eram proibidos de ir à casa de Eugene e de ter contato com a sua família, mas ainda assim recebiam ajuda financeira.

Conforme foi possível notar na leitura do romance *Hibisco Roxo*, Eugene exclui o pai totalmente de sua vida, por afirmar não gostar de "pagão", mandando-lhe pequenos maços finos de nairas pelo intermédio do seu motorista Kevin. Apesar dele ajudar seu pai financeiramente, segundo Nathalia Marcelo, Eugene "teme e repudia as tradições pré-coloniais do povo nigeriano" (MARCELO, 2018, p. 5), desse modo, privando o pai de ter contato com os netos, só permitindo a visita dos filhos ao avô por apenas quinze minutos, depois dele ter sido denunciado aos membros da "umunna" da família.

Papa jamais cumprimentava PapaNnukwu, jamais o visitava, mas mandava maços de nairas para ele por intermédio de Kevin ou de um dos membros da umunna. Maços mais finos do que aqueles que Kevin recebia de bônus de Natal.

- Não gosto de mandar vocês à casa de um pagão, mas Deus vai protegê-los - disse Papa.

Colocou a Bíblia numa gaveta e então puxou a Jaja e a mim para mais perto, acariciando gentilmente nossos braços. (ADICHIE, 2011, p. 199-200).

Contudo, devido ao seu fanatismo religioso, com o passar do tempo Eugene desenvolveu uma mistura de fé, medo e superproteção em relação à sua família e a todas as pessoas próximas, as quais praticavam o cristianismo. Entretanto, menosprezava todas as pessoas e qualquer costume voltado para a cultura e religião tradicional igbo, a ponto de romper a relação até mesmo com o próprio pai. Proibindo-o de entrar em sua residência, além de restringir a visita dos netos ao ancião, por ser este "pagão" ao invés de convertido ao cristianismo como o avô materno, o qual é o tipo de pessoa ideal para se seguir e tomar como exemplo.

PapaNnukwu não parecia se importar que seu filho lhe mandasse uma quantidade insignificante e impessoal de dinheiro por intermédio de um motorista. Também não parecera se importar no Natal passado ou no Natal anterior a esse. Jamais demonstrara o que sentia. Era muito diferente da

forma como Papa tratara meu avô materno até ele morrer cinco anos atrás. Quando chegávamos a Abba todo Natal, Papa passava na casa do Vovô na nossa ikwu nne, ou casa de solteira de nossa mãe, antes mesmo de irmos à nossa propriedade. Vovô tinha a pele muito clara, era quase albino, e diziam que esse fora um dos motivos pelos quais os missionários haviam gostado dele. Insistia em falar inglês, sempre, com um forte sotaque igbo. Sabia latim também, citando muitas vezes os artigos do Concílio Vaticano I, e passava a maior parte do tempo em St. Paul's, onde havia sido o primeiro catequista. (ADICHIE, 2011, p. 218-219)

A supervalorização do que é voltado para a cultura do colonizador, desde a sua brancura, crença, a língua falada, a escolaridade e o status social perante a sociedade em geral do país sempre prevalecia como superior, a ponto de o colonizado rejeitar tudo voltado para a cultura tradicional. A começar pela religião praticada pelos mais velhos, tem-se o como exemplo disso a condição vivida pelo pai do personagem Eugene e o sogro dele, principalmente em questão do tratamento referente aos dois. Enquanto a um é negado tudo de essencial, inclusive o convívio familiar, o outro era motivo de respeito, orgulho e admiração ao ponto de Eugene exigir que os filhos chamassem o avô materno de “vovô”, em vez de “PapaNnukwu”.

Insistira para que o chamássemos de Vovô em vez de PapaNnukwu ou Nna-Ochie. Papa ainda falava muito dele, os olhos cheios de orgulho, como se Vovô fosse seu pai. Ele abriu os olhos antes da maioria do nosso povo, dizia Papa; foi um dos poucos que acolheram os missionários. Vocês sabem a rapidez com que ele aprendeu inglês? Quando se tornou um intérprete, sabem quantas pessoas ajudou a converter? Ora, ele converteu pessoalmente quase toda a população de Abba! Fazia as coisas do jeito certo, do jeito que os brancos fazem, não como nosso povo faz agora! (ADICHIE, ANO 2011, p. 220)

O dilema vivido por Eugene revela a condição de colonizado deste. E concordando com Frantz Fanon; (2008, p.84) "O problema da colonização comporta assim não apenas a intersecção de condições objetivas e históricas, mas também a atitude do homem diante dessas condições", dessa maneira, quando Eugene recusa a cultura de seus ancestrais e aclama a cultura dos colonizadores, percebemos o quanto o colonialismo ainda influencia os sujeitos colonizados.

2.1 INFLUÊNCIAS DO COLONIALISMO NA RELAÇÃO ENTRE EUGENE E SUA FAMÍLIA

Eugene é do tipo de pessoa que gosta de ordem, manter tudo sob controle, principalmente a rotina dos filhos. Era tudo muito controlado, tinha horário para todos

e tudo, havia horários para estudar, estar com a família, jogar xadrez, para descansar além dos horários serem sempre revisados com muita frequência, ele, a todo momento estava no controle e dava as ordens à família tanto quando estava a sós em casa, quanto em repartições públicas:

Papa gostava de ordem. Isso ficava patente nos próprios horários, na forma meticulosa como ele desenhava as linhas, em tinta negra, cortadas horizontalmente a cada dia, separando a hora de estudar da hora da sesta, a da sesta da hora de ficar com a família, a de ficar com a família da hora das refeições, a das refeições da hora de rezar, a de rezar da hora de dormir. Papa revisava nossos horários com frequência. (ADICHIE, 2011, p. 77).

Mas tudo começou a mudar na vida do personagem Eugene e da sua família quando seu filho Jaja deixou de tomar a comunhão em um Domingo de Ramos, infringindo as regras de seu pai. Kambili Achike, a irmã de Jaja, também filha de Eugene, tece o seguinte comentário a respeito disso: “as coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão, Jaja, não recebeu a comunhão, e Papa atirou seu pesado missal em cima dele e quebrou as estatuetas da estante. Havíamos acabado de voltar da igreja” (ADICHIE, 2011, p.13). Então, a família de Eugene que até então vivia em harmonia, teve a sua estrutura abalada pela atitude rebelde de Jaja.

Eugene sempre encorajava o padre da paróquia a visitar as pessoas que haviam deixado de frequentar a igreja por dois domingos seguidos, alegando que o sujeito só poderia deixar de tomar a comunhão se tivesse cometido um pecado mortal, “por isso, quando Papa viu que Jaja não tinha ido até o altar naquele Domingo de Ramos” (ADICHIE, 21, p.23), não pôde suportar aquela transgressão. Apesar de ser um homem bondoso para com os pobres de seu país, às vezes, no seio de sua família, Eugene era agressivo, e quando seus filhos ou esposa ousavam desafiá-lo, descumprindo algumas de suas regras, ele ficava ainda mais bravo. Isso porque, conforme Priscilla Ventura, “Eugene é uma figura antagônica: opressor dentro de casa e contra opressão fora dela”, (VENTURA, 2018, p.88).

A família Achike era submissa a Eugene, que impunha as suas crenças cristãs aos seus filhos e esposa como uma forma de discipliná-los. No entanto, embora agisse dessa forma, em muitas ocasiões demonstrava-se compreensivo e amoroso com a família, chegando inclusive a dividir o seu chá Lipton com açúcar e leite, o que não acontecia quando estava bravo. Eugene costumava dizer aos filhos que é sempre bom dividir tudo que gosta com as pessoas amadas, e ele busca expressar isso no instante

em que estavam reunidos em casa, permitindo que os mesmos tomassem do seu chá. Compartilhar o chá com os seus familiares era a forma de Eugene expressar o seu amor, como percebemos com esta fala de Kambili “um gole de amor, era como Papa chamava aquilo, pois a gente divide as pequenas coisas que amamos com as pessoas que amamos”, (ADICHIE, 2011, p.181).

Contudo, apesar de Eugene demonstrar amor pelos filhos e esposa, ele, enquanto sujeito colonizado, fez uso da língua e religião do colonizador para dominar, e assim compactuar com a sua família. Segundo Priscila Ventura “a religião era usada para justificar a maior parte das agressões físicas e psicológicas que o patriarca impinge a esposa e aos filhos” (VENTURA, 2018, p. 51), experiência essa vivida em várias passagens pela narradora, Jaja e a mãe, Beatrice. Uma das passagens mais reveladoras desse comportamento agressivo de Eugene é exatamente quando sua filha Kimibili quebra o jejum da Eucaristia com ajuda do seu irmão Jaja e da sua mãe Beatrice ao comer cereais antes da missa, para então tomar o remédio forte para diminuir sua cólica menstrual, mas que foi descoberto por Eugene ao chegar na sala, o que despertou sua raiva, levando-o a agir com violência.

Quando ele viu a tigela em minha mão, baixei os olhos, observei os poucos flocos moles flutuando em meio às bolhas de leite e me perguntei como Papa conseguira subir a escada tão silenciosamente.
 - O que você está fazendo, Kambili?
 Engoli em seco.
 - Eu... eu...
 - Está comendo dez minutos antes da missa? Dez minutos?
 - Ela ficou menstruada e está com cólica... - explicou Mama.
 Jaja a interrompeu.
 - Fui eu que mandei Kambili comer antes de tomar Panadol, Papa. Eu preparei o cereal para ela.
 - Será que o demônio pediu para você fazer o trabalho dele? - disse Papa, com as palavras em igbo saindo de sua boca numa torrente. - Será que o demônio armou uma tenda dentro da minha casa?
 Ele se virou para Mama.
 - Você ficou aí, vendo Kambili profanar o jejum da Eucaristia, maka nnídi?
 Papa tirou o cinto devagar.
 Era um cinto pesado feito de camadas de couro marrom com uma fivela discreta coberta do mesmo material. Ele bateu em Jaja primeiro, no ombro. Mama ergueu as mãos e recebeu um golpe na parte superior do braço, que estava coberta pela manga bufante de lantejoulas da blusa que ela usava para ir à igreja. Larguei a tigela sobre a mesa um segundo antes de o cinto me atingir nas costas. (ADICHIE, ANO 2011, p. 331 - 333).

No romance *Hibisco Roxo*, percebe-se a partir das ações, o quão Eugene no privado é diferente do Eugene público. Enquanto Eugene se comporta no ambiente privado da casa em que vive com sua esposa e filhos como um homem severo, que

gosta de impor ordem, agindo como um verdadeiro ditador, em público ele era compreensivo e lutava pelo direito à liberdade. Conforme Nelia Ramos, Eugene perante a sociedade nigeriana, era visto como “um homem de ideais liberais, temente a Deus e muito generoso por ajudar a sua comunidade com doações para igreja e obras sociais” (RAMOS, 2018, p.67) sem falar que ele pagava a mensalidade de inúmeras crianças da sua comunidade.

Em alguns domingos, a congregação prestava atenção mesmo quando o padre Benedict falava de coisas que todos já sabiam, sobre como Papa fizera as maiores doações ao óbolo de São Pedro e à igreja St. Vincent de Paul. Ou sobre como Papa pagara as garrafas de vinho usadas na comunhão, os novos fornos do convento onde as irmãs assavam a hóstia e a nova ala do hospital St. Agnes, onde o padre Benedict dava a extrema-unção. (ADICHIE, 2011, p. 20).

A partir desses fragmentos é possível perceber o quanto o personagem Eugene comporta-se de forma diferente e conforme os espaços onde está inserido e as pessoas que o rodeiam. Em público, Eugene se comporta como uma pessoa amigável, gentil, comunicativa, pois, tinha o hábito de depois da celebração da missa falar com todos que estavam reunidos em volta dele, a começar pelos homens, as mulheres, crianças e nem os bebês escapavam dos cumprimentos. Antes de apertar a mão das pessoas, Eugene saudava primeiramente a Deus, só depois cumprimentava as pessoas com um “ - Bom dia, Deus seja louvado - dizia ele antes de apertar a mão dos homens, abraçar as mulheres, dar tapinhas na cabeça das crianças menores e beliscar as bochechas dos bebês. ” (ADICHIE, 2011, p. 91)

Durante todo o romance, do início ao fim, Eugene sempre foi um homem muito religioso, católico fervoroso e principalmente temente a Deus. Conforme destaca Alyxandra Nunes, além de Eugene ser um sujeito religioso e temeroso a Deus, ele era _ “rígido em sua leitura religiosa cristã do mundo” (NUNES, 2016, p.95). Do mesmo jeito que o filho Eugene, Papa-Nnukwu, também aparece no início da narrativa do romance *Hibisco Roxo*, no entanto, não de maneira ativa; mas “como uma vaga lembrança na família. Somente mais adiante, com o desenvolver da narrativa, ele entra em cena como um ícone dos valores de uma África do passado, de uma África dita “tradicional”. (NUNES, 2016, p.95).

Eugene é um homem que gostava de todos e tudo que se assimilava aos costumes europeus, tanto quanto ele mesmo, tomando para si como exemplo ideal os costumes culturais, sociais e educacionais do colonizador. Eugene é a representação literária fiel do sujeito que incorporou a imagem inferiorizada dos africanos, criada pelo

colonizador britânico. Eugene nasceu no seio das tradições africanas, mas logo depois incorporou a cultura ocidental, a partir da educação recebida nas escolas das missões, ele passa a romper sua relação com o pai, desprezando e negando todo seu passado Igbo, seus traços culturais tradicionalmente africanos.

Em sua família, Eugene tenta construir, nos filhos, uma infância longe das tradições Igbo, tradições essas que o seu pai “PapaNnukwu” cultuava e que jamais pensou em deixar. Eugene as consideravam pecaminosas, a ponto de romper definitivo o contato e convívio com o próprio pai, deixando de visitá-lo, proibindo-lhe de adentrar em sua residência, além de proibir o convívio dos netos com o avô. Um dos trechos cruciais de *Hibisco Roxo* mostra essa relação entre Eugene e seu pai e a sua rejeição à sua tradição Igbo.

Eugene expulsou o Anikwenwa da sua casa, e ofereceu uma casa e um carro com motorista para seu PapaNnukwu se converter para religião do colonizador, proposta que é recusada. PapaNnukwu se nega a converter e a seguir as tradições ocidentais impostas pelo colonizador e ensinada pelos missionários. Apesar disso, Eugene permite o contato, mesmo que limitado, com os netos, já que o próprio Eugene se negava ter contato com o pai seu PapaNnukwu.

Papa dizia isso todo Natal desde que tínhamos começado a visitar PapaNnukwu havia alguns anos. PapaNnukwu marcara uma reunião da umunna, a extensão da nossa família, para reclamar com seus membros que ele não conhecia os netos e que nós não o conhecíamos. Fora o próprio Papa-Nnukwu quem nos contara isso, já que Papa não falava dessas coisas. PapaNnukwu contara à umunna que Papa se oferecera para construir uma casa, comprar um carro e contratar um chofer para ele, contanto que ele se convertesse e jogasse fora o chi e o altar de sapê que havia em seu quintal. (ADICHIE, 2011, p.197-198)

De acordo com Melissa Lopes (2017), “Papa-Nnukwu”, ao contrário do filho, continua a praticar sua religião tradicional de origem africana, prática esta não bem aceita pelo seu filho Eugene, que tenta de todas as maneiras possíveis converter o pai ao catolicismo, mas sem êxito. No romance, Chimamanda Adichie usa a narradora personagem Kambili, para descrever os acontecimentos na narrativa, e em um do trecho ela narra a relação de seu pai Eugene com o avô, onde ela alega que Eugene não gostava de mandar eles para casa de um pagão, que o “Deus” cultuado pelo colonizador iria protegê-los do “pecado” do avô.

Mais tarde naquela manhã, quando saímos de carro de nossa propriedade, eu me virei para permitir que meus olhos passassem, mais uma

vez, pelas pilastras e muros brancos e cintilantes de nossa casa, pelo perfeito arco de água prateado que o chafariz fazia. PapaNnukwu jamais pisara ali, pois quando Papa decretara que não permitiria pagãos em sua propriedade, não abriu exceção nem para o próprio pai.

- Seu pai disse que é para vocês ficarem quinze minutos - disse Kevin ao estacionar na beira da estrada, perto da propriedade com muro de sapê de PapaNnukwu. (ADICHIE, 2011, p. 201-203)

Em *Hibisco Roxo*, para além desse comportamento de Eugene de desrespeito com o pai devido a sua opção religiosa, a autora também traz à tona a rejeição do personagem pela tradição Igbo. Chimamanda Adichie, através de seu romance, nos faz perceber o quanto o personagem Eugene busca assimilar o comportamento do colonizador, disseminando a sua cultura e religião. A relação entre Eugene e o seu pai “PapaNnukwu”, se tornou impossível, exatamente pelo fato de “PapaNnukwu” nunca ter abandonado seu costume tradicional, principalmente a língua Igbo e os valores religiosos de seu povo até seus últimos dias de vida.

Eugene quando soube da morte do pai através da irmã Ifeoma, logo equestionou “ - Você chamou um padre para lhe dar a extrema-unção? - perguntou. ” (ADICHIE, 2011, p. 618), e Ifeoma o ignorou. E novamente Eugene voltou a perguntar, “- Ifeoma, você chamou um padre? - perguntou Papa. - É só isso que você vai dizer, hein, Eugene? Não tem mais nada a dizer, gbo? Nosso pai morreu! Sua cabeça está virada, por acaso? ” (ADICHIE, 2011, p. 619). Quando questionado pela irmã se não iria ajudá-la a enterrar o pai, Eugene alega que jamais participaria de enterro pagão, e sugere a irmã Ifeoma que poderiam conversar com o padre da paróquia da comunidade para enterrá-lo em uma cerimônia católica, pelo fato de Eugene temer ver seu pai como um homem herege e indigno de estar em sua presença cristã.

2.2 O SISTEMA COLONIAL EM SUA MULTIFACE: O DILEMA VIVENCIADO POR EUGENE COMO SÍNTESE DO COLONIALISMO NA NIGÉRIA PÓS-INDEPENDENTE

O personagem Eugene em *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Adichie, vive o dilema que todo o povo colonizado, mesmo conquistado sua liberdade e autonomia, costuma enfrentar pós-independência: se desvincular do colonialismo. Apesar de país a Nigéria está no pós-independência, ainda assim o sistema colonial prevalece presente e atuante na vida cotidiana dos sujeitos.

Em decorrência da grande influência do sistema colonial, Eugene vive em constante conflito com a cultura tradicional, e em harmonia com a cultura do colonizador, devido a manipulação sofrida durante o período colonial. Considerando que o processo do colonialismo insiste em desumanizar e negar toda história cultural do colonizado, segundo Danúbia Abadia, o “sistema colonizador, a dominação colonial distinguiu-se, sobretudo, pela negação da condição humana da população colonizada, negação da sua cultura, da sua filosofia, do seu modo de ser”. (ABADIA, 2014, p.3)

Tendo em vista esses fatores, percebe-se com o romance o quão o colonialismo ainda interfere na sociedade nigeriana, a ponto de interferir diretamente no comportamento de Eugene, sobretudo em a relação as heranças culturais do colonizador. Uma vez que o sistema colonial ainda está operante, conforme pode ser constatado com a atitude de Eugene, que na tentativa de se assemelhar aos colonizadores, busca imitar até o sotaque britânico.

Papa mudou de sotaque quando respondeu, adotando uma pronúncia britânica, como fazia quando falava com o padre Benedict. Ele se mostrou gracioso e ansioso por agradar, como sempre era com os religiosos, principalmente os religiosos brancos. (ADICHIE, 2011, P.146)

O sistema colonial fez com que os colonizados desejassem fazer parte de uma cultura que não é a sua, por isso ao invés de contestar a violência dos colonizadores, passa a ser uma engrenagem desse mesmo sistema. O personagem Eugene é um exemplo disso, pois, ao agir de maneira a renegar a cultura e estrutura socioeconômica da sociedade nigeriana pré-colonização, acaba perpetuando as antigas violências coloniais.

Isso demonstra que apesar de ser um homem independente, Eugene age ainda como colonizado, ao negar tradição cultural de seu povo. Eugene renega suas raízes, por acreditar que todo aparato cultural do colonizador é superior a cultura do colonizado. Pesando desse jeito, Eugene não só contribui com os colonizadores e seu sistema colonial, ele sobretudo dar continuidade ao regime colonial na Nigéria pós-independente. É o que se nota com essa passagem do romance:

Um homem de meia-idade com uma camiseta esfarrapada enfiou o rosto pela porta.

- Omeloral - disse o homem, no tom vigoroso que as pessoas usam quando chamam as outras por seus títulos. - Vou embora agora. Quero ver se compro algumas coisas de Natal para meus filhos em Oye Abagana.

Ele falava inglês com um sotaque igbo tão forte que até as palavras mais curtas vinham decoradas com vogais extras. Papa gostava que o povo de

Abba se esforçasse para falar inglês perto dele. Dizia que mostrava que tinham bom senso. (ADICHIE, 2011, p.193)

De acordo com Danúbia Abadia, esse entendimento de Eugene de que tudo que pertence ao mundo dos colonizadores é superior ocorre porque “o colonizado, além de submeter-se, faz do colonizador seu modelo e procura imitá-lo”, (ABADIA, 2014, p.6) compactuando desse modo, com todas as práticas colonialista, conforme percebe-se:

Fomos à missa matinal e, embora não costumássemos visitar o padre Benedict em dias santos, fomos à casa dele depois. Papa queria que o padre Benedict ouvisse nossa confissão. Não nos confessamos em Abba porque Papa não gostava de se confessar em igbo e, além disso, Papa dissera que o padre de Abba não era suficientemente espiritual. Esse era o problema com nosso povo, explicara Papa: nossas prioridades estavam erradas; nos importávamos demais com igrejas enormes e estátuas imponentes. Um homem branco jamais faria isso. (ADICHIE, 2011, p.340).

Segundo Malcolm X, um dos grandes problemas do povo preto, sobretudo, os que pertencem à de classe média, é exatamente o seu comportamento em relação ao colonizador, afirmando desse modo que “muitos negros da chamada ‘classe superior’, estão ansiosos para impressionar os brancos, mostrando que são ‘diferentes dos outros’ ” (MALCOLM X, 1992, p. 55). Sendo assim, o dilema vivido pelos negros de ‘classe superior’ a que se refere Malcolm X, é também o dilema vivido pelo personagem Eugene, que prefere a religiosidade, o status social, os costumes culturais e língua dos colonizadores, por acreditar na suposta superioridade, fruto dos efeitos da colonização a longo prazo após a independência da Nigéria.

2.3 A BRITANIZAÇÃO DOS NIGERIANOS: SER RESITÊNCIA OU ALIADO DO SISTEMA COLONIAL?

Na Nigéria pós-colonial, o colonialismo ainda prevalece e continua a influenciar os nigerianos em suas decisões, haja vista que, muitos dos colonizados em vez de contrapor o sistema colonial, preferiram ser aliados de quem se beneficiou e continua se beneficiando desse sistema de dominação e exploração. Mas entre os colonizados há também aqueles que resistiram e continuam resistindo à colonização de inúmeras maneiras. No caso dos nigerianos em particular, Falola afirma que para ser resistente é necessário que se atentem a tudo, criem novas estratégias contra o sistema colonial

ocidental, para assim então, darem “à África uma voz maior” (FALOLA, 2007, p.27). Mas para que isso venha acontecer, também, enquanto sujeitos colonizados, os nigerianos deveriam “compreender suas histórias, sua composição, sua política e sua tática” (FALOLA, 2007, p.27).

Os nigerianos, diante da colonização britânica, acabaram se dividindo entre ser aliados do sistema colonial, e ser indivíduos resistentes a esse mesmo sistema, principalmente ao que refere costumes culturais, a língua e religião do colonizador. Aqueles que resistiram e resistem, entendendo que a imposição dos costumes culturais, a religião e a língua dos colonizadores são os principais mecanismos utilizado para dominá-los, compreende a necessidade lutar contra essas imposições ou aceitá-las, pois, de acordo com Frantz Fanon “é preciso recordar em todo o caso que um povo colonizado não é somente um povo dominado. (FANON, 1968, p.110).

No romance *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Adichie, é possível notar através de alguns dos personagens esse embate da não aceitação por alguns, e a cumplicidade por parte de outros. Um exemplo bem claro disso é o caso de Eugene que busca a todo momento imitar os britânicos e dar continuidade ao sistema colonial, sobrepondo os valores ocidentais aos valores culturais do povo nigeriano. Ao contrário dele, seu pai PapaNnukwu, e sua irmã Ifeoma que apesar de terem sofrido influência do colonialismo, ainda assim continuaram a defender os costumes tradicionais dos nigerianos.

Segundo Aimé Césaire (1978), para os colonizados, ser resistência vai além de uma “utópica e estéril tentativa de reduplicação, mas de uma superação” uma constante luta contra o sistema colonial impregnado nas vidas dos sujeitos colonizados, como a escritora retrata por meio da personagem de Ifeoma e seus filhos. No caso dos nigerianos percebemos por meio de alguns dos personagens, que, em parte, ainda há uma cumplicidade de alguns, mas também há o descontentamento e resistência por parte de outros, em relação a imposição da cultura e costumes do colonizador sobre o colonizado no país, como a autora relata em seu romance *Hibisco Roxo*, sobretudo no que se refere a língua a religião. Além disso, segundo Frantz Fanon,

A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga. (FANON, 1968, p.9)

No que se refere a britanização dos nigerianos, mesmo Eugene lutando pela democracia e liberdade de expressão na sociedade nigeriana, ainda assim, ele se torna aliado do sistema colonial, pelo fato de defender a permanência do catolicismo e uso extensivo da língua inglesa pelos nigerianos. Isso explica o porquê o sistema colonial e sua doutrina tende a prevalecer mesmo depois da sua independência, e de maneira tão violenta que leva os próprios sujeitos colonizados renegar a sua cultura e negar a si mesmos

Ser resistência significa ir contra o sistema colonial, como fez PapaNnukwu, pai de Eugene, que preferiu aceitar a ausência e desprezo do filho do que se submeter aos caprichos dos colonos, recusando a idolatria, a aprendizagem do inglês, e sobretudo a conversão ao cristianismo. Sob outra perspectiva, é possível perceber que ser resistência é exatamente o que faz a sobrinha de Eugene, a filha de Ifeoma, chamada Amaka, ao demonstrar a sua insatisfação com a interferência do padre Amadi no costume local.

Amaka, apesar de ainda ser adolescente, já tinha consciência e entendia o quão o sistema colonial continuava a destruir toda a estrutura cultural e socioeconômica da Nigéria. Pois, segundo Neila Ramos “embora as personagens sintam os reflexos dessas mudanças políticas, culturais e religiosas, elas não estão passivas a esse processo” (RAMOS, 2017, p. 34). Nesse sentido, ser resistente significava não aceitar o que lhe era imposto, um exemplo de resistência no romance é representada pela atitude de Amaka, que se recusa a escolher um nome inglês para se crismar, afirmando não ter interesse, o que pareceu ao padre Amadi se tratar apenas de uma dificuldade que poderia ser facilmente resolvida,

O padre Amadi disse a Amaka que ainda não recebera o nome de crisma dela.

Ele precisava reunir todos os nomes e passá-los para o capelão examinar no dia seguinte, um sábado. Amaka disse que não tinha interesse em escolher um nome em inglês e o padre Amadi riu e se ofereceu para ajudá-la a escolher um nome, se ela quisesse. (ADICHIE, 2011, p. 788- 789)

A partir do momento que Amaka passa a rejeitar e não aceitar os nomes ingleses, ela vai contra toda estrutura do sistema colonial, e começa a questionar o padre Amadi sobre os valores culturais das duas culturas, tanto do seu país Nigéria, como a europeia imposta pelo colonizador britânico. Desse modo, Amaka acaba desempenhado o seu papel do ser resistência no seio da sociedade ibgo nigeriana. Essa forma de ser resistência vivenciada pela personagem, de acordo com Neila

Ramos, é “uma reinvenção, uma maneira de reexistir com infamiliaridades e convertel-as até mesmo em certas vantagens” (RAMOS, 2017, p. 34).

Amaka, no romance *Hibisco Roxo*, ao se recusar a supervalorizar a cultura dos colonizadores, acaba rejeitando a suposta superioridade europeia em relação a cultura tradicional dos nigerianos. Assim, pode-se afirmar, a sua recusa foi o seu modo de resistir a alguns dos mecanismos inerentes ao sistema colonial que visam tão somente a dominação dos sujeitos colonizados. Justamente por não aceitar passivamente as imposições dos invasores britânicos, que Amaka ao invés de rejeitar, busca conhecer a cultura e a história de seu povo, conforma nota-se:

Ele parecia cansado.

Entregou um pedaço de papel a Amaka e disse a ela que escrevera ali alguns nomes adequados, mas sem graça para sua crisma, e que tudo o que ela precisava fazer era escolher um para que ele pudesse ir embora. Depois de o bispo usar o nome na crisma, Amaka jamais precisaria mencioná-lo demovo. O padre Amadi revirou os olhos, falando de forma bem lenta e deliberada. Amaka riu, mas não pegou o papel.

- Já disse que não vou escolher um nome inglês, padre - insistiu ela. - E eu já lhe perguntei por que não?

- Por que eu preciso fazer isso?

- Por que é assim que as coisas são feitas. Vamos esquecer se é certo ou errado por enquanto - disse o padre Amadi, e percebi que havia sombras sob seus olhos.

- Quando os missionários chegaram aqui, eles achavam que os nomes do povo igbo não eram bons o suficiente. Insistiam para que as pessoas escolhessem um nome inglês antes de serem batizadas. Nós não devíamos ter progredido?

- Hoje é diferente, Amaka, não transforme isso em alguma coisa que não é - disse o padre Amadi calmamente. - Ninguém precisa usar o nome. Veja o meu caso.

Eu sempre usei meu nome igbo, mas fui batizado como Michael e crismado como Victor

. lia lfeoma ergueu os olhos dos formulários que estava lendo.

- Amaka, ngwa, escolha um nome e deixe o padre Amadi ir trabalhar. - Mas então qual é o objetivo? - perguntou Amaka a padre Amadi, como se não houvesse escutado o que sua mãe dissera. - O que a Igreja está dizendo é que só um nome inglês torna válida a nossa crisma. O nome "Chiamaka" diz que Deus é belo. "Chima" diz que Deus sabe mais, "Chiebuka" diz que Deus é o melhor. Por acaso eles não glorificam Deus da mesma forma que "Paul", "Peter" e "Simon"? (ADICHIE, 2011, p. 874-877).

Percebe-se com esse trecho que ser resistência vai além da não aceitação das imposições do colonizador sobre os colonizados, por não tratar apenas do contexto cultural onde o indivíduo está inserido, mas por remeter toda uma estrutura colonial, mesmo no período pós-colonial o qual a Nigéria se encontra, ainda é muita influenciada pelo sistema do colonizador. De acordo com Roberta Resende “ o movimento de formação da nação antes colonizada se dá contra a opressão sofrida

no passado e que, até a atualidade, influencia a vida social, econômica e política dos países africanos. ” (RESENDE,2013, p.38)

3 KAMBILI, UMA RESISTENTE AO COLONIALISMO BRITÂNICO

Kambili Achike é uma adolescente que cresceu ao ritmo do desabrochar das flores, em especial dos hibiscos roxos. Teve uma educação rígida e cristã, além de sofrer com a superproteção e o fanatismo religioso do seu pai, Eugene, chamado na narrativa de “Papa”. No romance *Hibisco Roxo* (2011) a narradora-personagem Kambili faz com que os leitores percebam as contradições por ela vivido no seu seio familiar enquanto sujeita colonizada, mas também como uma resistente ao colonialismo britânico.

Kambili buscou resistir ao colonialismo britânico de muitas maneiras, mas uma das formas mais eficazes de sua resistência foi a recusa de se comunicar em seu cotidiano por meio da língua do colonizador. Em vez de usar o inglês, Kambili usa a língua tradicional Igbo para se comunicar com sua mãe Beatrice e o seu irmão Jaja. Mesmo seu pai Eugene sendo um ferrenho defensor de que o inglês devia ser o idioma usado na comunicação no âmbito privado (entre a família) e no âmbito público (fora do vínculo familiar), Kambili, em vez de rejeitar a sua língua materna, rejeita a língua do colonizador que até então lhe era estranha. Ao contrário de seu pai que “quase nunca falava em igbo” (ADICHIE, 2011, p.50), principalmente em público, Kambili não tinha vergonha do vernáculo genuinamente nigeriano.

Em *Hibisco Roxo* percebe-se também que Kambili, apesar de, ainda viver sob uma estrutura social resultante do regime colonial britânico, a protagonista e narradora consegue ter consciência sobre a realidade do povo nigeriano pós-independente em razão, sobretudo, do convívio com sua tia Ifeome. No romance em estudo, é visível a relevância da resistência feminina contra o sistema colonial, prova disso são as personagens Amaka e Kambili, ambas personagens femininas que se opuseram ao modelo de sociedade que os britânicos impuseram.

Conforme era inserida a novos contextos Kambili se tornava mais resistente. A ida dela para a casa de Ifeome, sua tia e professora universitária, a fez descobrir as outras faces da Nigéria, por isso cada vez mais entendia que ao reivindicar para si o modo de ser nigeriano, não estava apenas desafiando a autoridade de seu pai, estava confrontando o poder colonial. O contato com os primos, o avô paterno e o padre Amadi levou Kambili a fazer uma leitura de mundo por outras perspectivas, o que permitiu que ela conseguisse conciliar fé cristã e crenças tradicionais, e passasse a cultivar o amor ao próximo.

A adolescente Kambili enquanto pessoa resistente desempenha um papel fundamental e de grande influência perante a sociedade nigeriana. Por ela ser a voz feminina ativa que narra a história do povo igbo, nos revela os acontecimentos vivenciado por ela mesma, sua família, e seus antepassados tanto durante a colonização britânica como também no pós-colonização. Um exemplo dessa resistência destacada no romance *Hibisco Roxo*, por Adichie sobre a narradora personagem Kambili, é sua recusa para levantar do banco na casa do avô paterno ao ser “cutucada” pelo irmão Jaja para ir embora, mas que ela resolve ficar mais alguns minutos lá para ajudar seu PapaNnukwu, caso ele se engasgasse com a comida.

Kambili, embora muito jovem, resistiu ao colonialismo britânico fazendo uso daquilo que os colonizadores mais temiam: a sua língua materna. Em encontros frequentes com o seu avô paterno, PapaNnukwu, que exortava Kambili a não só usar a língua Igbo, mas intensificar ainda mais seu contato com a cultura tradicional, ela pôde ter uma amostra do que era ser nigeriano, conforme observa-se no trecho abaixo:

Olhei para o fufu na tigela pintada de esmalte verde-claro, descascada nas bordas. Imaginei o fufu, ressecado até virar farinha pelos ventos harmattan, arranhando o interior da garganta de PapaNnukwu quando ele o engolia. Jaja me cutucou. Eu não queria ir embora; queria ficar ali, pois assim, se o fufu ficasse preso na garganta de PapaNnukwu e o fizesse engasgar, eu poderia pegar um pouco de água para ele. Mas não sabia onde pegar água. Jaja me cutucou de novo, porém eu não conseguia me levantar. O banco me agarrava, me sugava. Vi um galo cinza entrar no altar no canto do quintal, onde o deus de PapaNnukwu estava, onde Papa disse que eu e Jaja jamais deveríamos ir. (ADICHIE,2011, p.215-216)

Esse contato inicial com aspectos da cultura nigeriana até então desconhecidos para Kambili, resultou em mudanças significativas. Antes, presa às convicções de seu pai, um nigeriano que queria existir como britânico, Kambili não conseguia se desvirtuar dos preconceitos coloniais, o que levou a protagonista-narradora de *Hibisco roxo* a se distanciar dos costumes tradicionais do seu povo. No entanto, o convívio com o avô paterno permite que Kambili passe a se relacionar com pessoas que são adeptas da religião tradicional do povo igbo, e, inclusive, participe de eventos realizados pela comunidade.

Todavia, apesar de ir contra as práticas culturais europeias imposta na Nigéria durante a colonização inglesa, e cultuada pela sua família, a sua identidade foi construída a partir da sua relação com a cultura igbo e a cultura dos colonizadores. E

foi a partir dessa dupla relação que Kambili, conforme disse Priscila Ventura (2018), passa a refletir sobre a fé, tal e qual pode-se constatar no romance *Hibisco Roxo*;

Eu me esforcei para refletir sobre os Mistérios Gozosos, mas fiquei me perguntando onde PapaNnukwu ia dormir se ele viesse mesmo. Havia poucas opções no pequeno apartamento - a sala já estava cheia por causa dos meninos, e o quarto de tia lfeoma servia de despensa, biblioteca e quarto de dormir para ela e para Chima. Teria de ser no outro quarto, que era de Amaka - e meu. Eu me perguntei se teria de confessar que tinha dormido no mesmo quarto de um pagão. Fiz uma pausa no meio da minha reflexão para rezar, pedindo que Papa jamais descobrisse que PapaNnukwu nos visitara e que eu dormira no mesmo quarto que ele. (ADICHIE,2011, p.490)

Com todos os fatos ocorrido percebe-se que apesar de Kambili viver sob a superproteção de Eugene, ela também sofria com a repressão paterna dentro do seio familiar, principalmente quando se referia ao contato com seu avô, mas apesar de tudo, ainda assim Kambili resistiu a ponto dela desafiar a autoridade do pai ao omitir a presença de seu avô na casa da sua tia lfeoma, onde ela e o irmão Jaja estavam passando alguns dias durante a férias escolar o que a tornou resistente cada vez mais uma resistente ao colonialismo britânico.

Resistência é algo que já vinha fazendo parte da vida diária da personagem, uma vez que a vivencia com a tia lfeoma e os primos possibilitou Kambili não só resistir, mas persistir buscando meios de desconstruir o pensamento que tinha sobre o avô e a cultura tradicional passando a acreditar no que ela não acreditava antes. Um exemplo disso é a reação que Kambili teve ao ver seu pai Eugene rasgar o quadro que havia ganhado da prima Amaka com a imagem do avô PapaNnukwu, sua única lembrança, o que deixou-a enfurecida, porque ao ver os pedaços pequenos do quadro no chão, imaginou o corpo do avô sendo cortado e guardado em uma geladeira, levando a narradora personagem gritar com o pai e correr para proteger os papéis que estavam no chão como se quisesse salvá-los.

3.1 A PROTAGONISTA, NARRADORA DE “HIBISCO ROXO”: KAMBILI, E UM SILÊNCIO DIFERENTE.

Em seu romance *Hibisco Roxo*, a escritora Chimamanda Adichie busca evidenciar as marcas, sonhos e desencantos da protagonista e narradora Kambili, com esse intuito traça toda a sua trajetória desde a sua infância até a sua adolescência. A narradora, apesar de ser muito quieta, era muito esforçada, dedicada, inteligente e, sobretudo, observadora, como é possível notar em algumas passagens

do romance. A quietude de Kambili foi comparada pelo padre Amadi com o comportamento de prima Amaka, conforme nota-se: “- Está vendo como sua prima fica nos olhando quietinha? - perguntou padre Amadi, me indicando (Kambili). - Ela não desperdiça energia com discussões intermináveis. Mas sua mente está cheia de pensamentos, dá para perceber”. (ADICHIE, 2011, p.566)

Kambili buscava utilizar o estudo para escapar das punições do seu pai Eugene. Ela estudava bastante com intuito de ficar com a maior nota da turma, pois era pressionada pelo pai para que fosse sempre a número um da classe. Então, para não ser punida, Kambili conquistou a admiração de suas professoras e colegas, sendo uma das melhores alunas da turma. Mas apesar disso, Eugene a criticava e a reprimava física e psicologicamente, conforme observa-se:

Eu ficara em segundo lugar na turma. Estava escrito em algarismos: "2/25". Minha professora, irmã Clara, escrevera: "Kambili tem inteligência acima da média, e é silenciosa e responsável." A diretora, madre Lucy, escrevera: "Uma aluna brilhante e obediente e uma filha que merece o orgulho dos pais". Mas eu sabia que Papa não ia ficar orgulhoso. Ele cansava de dizer para mim e para Jaja que, já que gastava tanto dinheiro no Daughters of the Immaculate Heart e no St. Nicholas, nós não devíamos deixar as outras crianças ficarem em primeiro na turma. Ninguém gastara dinheiro com a educação dele, muito menos seu ímpio pai, nosso PapaNnukwu, mas ele sempre ficara em primeiro lugar. (ADICHIE, 2011, p.121).

Conforme percebe-se no romance *Hibisco Roxo*, a protagonista narradora Kambili faz parte da elite nigeriana e vem de uma família tradicional cristã, do modelo patriarcal onde a mulher deve obediência ao homem. Para além disso, o silêncio presente na vida cotidiana da personagem é fruto do medo do fracasso e das repressões do seu pai Eugene, que fez uso a sua religiosidade para controlar a sua esposa Beatrice e seus filhos Kambili e Jaja, tanto no ambiente familiar, como também fora deste espaço, tal e qual a própria Kambili informa:

Jaja, Mama e eu fomos lá para cima nos trocar. Nossos passos na escada eram tão contidos e silenciosos quanto nossos domingos; o silêncio de esperar que Papa acordasse da sesta para que pudéssemos almoçar; o silêncio da hora de reflexão, quando Papa nos dava uma passagem da Bíblia ou um livro de um dos Pais da Igreja para que lêssemos e pensássemos sobre ele; o silêncio do rosário da noite; o silêncio de ir de carro até a igreja para receber a bênção depois. (ADICHIE 2011, p.100)

A narradora personagem Kambili relembra também do tempo que ela só se comunicava pelo olhar devido ao silenciamento imposto a ela e aos demais membros da família, silêncio esse vivido por Kambili desde criança até sua adolescência.

Segundo Neila Ramos, “o silenciamento não é apenas um mecanismo ou arma de controle patriarcal, mas de servidão doméstica” (RAMOS, 2017, p.63) pelo fato de causar medo nas mulheres, nesse sentido o silêncio se tornou também um dos principais mecanismos de sobrevivência das mesmas dentro da sociedade patriarcal que estão inseridas. Em *Hibisco Roxo* o silêncio vivenciado por Kambili é um silêncio diferente, uma vez que, o silêncio serviu para Kambili refletir sobre os acontecimentos ocorridos em sua vida, sobre o tempo em que ela, a mãe e seu irmão só falavam pelo olhar, tendo com isso a percepção do que realmente estava acontecendo:

Só agora eu percebia isso, permitindo-me pensar naquela possibilidade.
Fiquei deitada na cama depois que Mama foi embora, deixando minha mente remexer o passado, pensando nos anos em que Jaja, Mama e eu falávamos mais com nosso espírito do que com nossos lábios. (ADICHIE, 2011, p.58).

Com o silêncio da personagem Kambili, Adichie busca evidenciar as opressões sofridas pelas mulheres dentro da sociedade nigeriana. Nesse sentido, a adolescente em vez de ser uma voz silenciada que não consegue superar o mutismo que lhe foi imposto, passa a ser a pessoa responsável pela ruptura do silêncio feminino no ambiente familiar e social. Afinal, de acordo com Neila Ramos;

As relações femininas no romance apresentam um forte senso de solidariedade entre essas mulheres de diferentes idades e nos ajudam a pensar sobre os questionamentos levantados por Adichie com relação a subjugação feminina bem como nas alternativas possíveis para que o silêncio feminino engendrado naquela sociedade patriarcal venha torna-se voz. (RAMOS, 2017, p.62).

Segundo Frantz Fanon, “o corpo sem dúvida grita - esse silêncio que humilha o algoz.” (FANON, 1968, p. 255), e, sem dúvida, o silêncio vivido por Kambili é irrompido também pelas expressões corporais. Apesar do silêncio e medo do sofrimento no seu meio familiar, escolar e social, aos poucos Kambili finalmente rompe o silêncio conseguindo então se expressar não mais por meio de olhares, mas através das palavras e isso ocorre após a morte do seu pai Eugene, evidente nesse trecho: “o silêncio paira sobre nós, mas é um tipo diferente de silêncio, um que me permite respirar” (ADICHIE, 2011, p. 975).

Embora tenha recebido uma educação que a deixou alheia aos problemas de seu país, ainda assim, Kambili demonstrava inquietação quanto às mazelas da sociedade, a opressão feminina, etc. Para além disso, após a adolescente ser exposta

à sociedade opressiva, a narradora personagem desperta sobre as questões das desigualdades sociais vividas pelos nigerianos e nigerianas, e no romance ela lembra bem sobre a ida dela, da mãe e do irmão ao mercado para comprar sandálias durante as férias escolar, faltando pouco dia para as aulas iniciarem.

Nossas férias foram curtas, de apenas duas semanas, e no sábado logo antes da volta das aulas Mama levou Jaja e a mim ao mercado para comprar novas sandálias e mochilas. Não precisávamos delas; nossas mochilas e sandálias de couro marrom ainda estavam novas, só tinham um semestre. Mas aquele ritual era o único que pertencia só a nós três: ir ao mercado antes do início de cada semestre, abaixando o vidro das janelas no caminho sem precisar pedir permissão a Papa. Nas cercanias do mercado, observávamos as pessoas loucas e seminuas que ficavam perto dos lixões, os homens que sem mais nem menos abriam o zíper das calças e urinavam nas esquinas, as mulheres que pareciam estar pechinchando animadamente com montes de legumes até a cabeça dos mercadores surgir detrás deles. (ADICHIE2011, p.136, 137)

Durante a sua ida ao mercado com a sua mãe e o seu irmão, as cenas presenciadas por Kambili quando estavam saindo do mercado marcaram a vida dela para sempre, uma vez que ela presenciou a repressão cruel sobre as pessoas. Esta imagem não sai de sua cabeça: “as mercadoras gritavam, e muitas haviam colocado as mãos sobre a cabeça, como as pessoas fazem para mostrar choque ou desespero. Uma mulher estava deitada no chão de terra, aos prantos, puxando seu afro curtinho” (ADICHIE 2011, p.138). A violência policial contra as mulheres chamou ainda mais a atenção da narradora personagem, ao ponto de em silêncio Kambili lamentar não ter tido como ajudar a mulher que estava no chão; “pensei na mulher deitada no chão durante a volta para casa. Eu não tinha visto seu rosto, mas senti que a conhecia desde sempre. Lamentei não ter podido ajudá-la a se levantar e a limpar a lama vermelha de sua canga”. (ADICHIE, 2011, p.141).

Tendo em vista que Kambili já era uma adolescente diferente das outras meninas da mesma idade que ela, era de se esperar que a mesma se comportasse estranhamente em virtude do medo que sentia de ser punida pelo pai Eugene, ao chegar em casa atrasada. Kambili temia só de imaginar o que seu pai pensa a seu respeito. Segundo Joana Oliveira (2019), o colonialismo abrange três dimensões, são elas: “a marginalização de certos corpos e certas identidades; a capitalização da terra, da natureza, do ambiente; e a militarização das relações humanas. “A política do colonialismo é a política do medo”. (OLIVEIRA, p. 12, 2019), medo esse que é capaz de criar no colonizado a concepção que eles são pessoas incapazes de reagir. O

silêncio diferente vivido pela narradora personagem Kambili no romance *Hibisco Roxo*, tem a ver também com a sua timidez, com o seu modo singular de ser, bem como com a repressão de seu pai Eugene.

3.2 A INFLUÊNCIA DE IFEOMA NA VIDA DE KAMBILI E O DESPERTAR DA MENTALIDADE COLONIZADA

A influência de Ifeoma na vida de Kambili é resultado de uma multiplicidade de fatores. Um desses fatores a ser considerado é a reaproximação de sua tia Ifeoma com o seu irmão Eugene, pai de Kambili. A protagonista Kambili não conhecia bem a sua tia Ifeoma, pois o seu pai Eugene havia rompido a ralação com os seus familiares. Após romper com a família, Eugene proíbe os seus filhos e esposa de receber Ifeoma, sua irmã, e PapaNnukwu, seu pai, em sua propriedade em razão de eles não terem se convertido ao cristianismo. Depois de algum tempo, Ifeoma foi até a casa de seu irmão Eugene, o que permitiu a Kambili, depois de anos, ter contanto com a tia e seus primos, conhecê-los melhor, segundo destaca a narradora no trecho abaixo

Tia Ifeoma apareceu no dia seguinte, no final da tarde, quando as laranjeiras começavam a fazer longas sombras onduladas no chafariz do jardim. Sua risada flutuou até a sala de estar do segundo andar, onde eu estava sentada lendo. Eu não a ouvia fazia dois anos, mas teria reconhecido aquela risada gostosa em qualquer lugar.

Tia Ifeoma era tão alta quanto Papa, com um corpo bem-proporcionado. Andava rápido, como alguém que sabia exatamente aonde ia e o que ia fazer lá. E falava da mesma maneira que andava, como se quisesse dizer o máximo de palavras no menor espaço de tempo possível. (ADICHIE, 2011, p.229-230).

Conforme pode ser constatado no romance *Hibisco Roxo*, Kambili vinha refletindo sobre as suas experiências vividas, na tentativa de compreender melhor o seu passado, permitindo-se, desse modo, construir a sua identidade com base na relação com o diferente. E a ida de Kambili para Nsukka, a reaproximação e contato com a sua tia Ifeoma e seus primos mais esclarecidos do que ela o seu irmão Jaja, possibilitou que a narradora personagem despertasse daquela mentalidade colonizada. No romance, Ifeoma, é uma das poucas personagens que consegue conciliar as duas culturas: a do colono e a do colonizado. Também, Ifeoma será a pessoa que desafia a tradição patriarcal para apresentar a Kambili um catolicismo diferente daquele que ela aprendera com o seu pai Eugene. Por meio da sua tia

Ifeoma, Kambili aprendeu a fazer parte da cultura Igbo sem ser condenada. Portanto, de acordo com Mirian Batista “é na comparação da identidade da tia com a identidade do pai que a narradora constrói ou desconstrói sua própria identidade” (BATISTA, 2014, p.51).

A família de Ifeoma, além de influenciar e despertar a mentalidade colonizada de Kambili, possibilitou que a narradora personagem conhecesse outras pessoas, em especial o padre Amadi, que também contribuiu nesse processo do despertar de Kambili tanto em relação às possibilidades de vida como a de amor na sociedade nigeriana. Kambili é influenciada pelo comportamento e atitude da sua tia Ifeoma, por isso desperta de sua condição de colonizada.

Ifeoma, professora universitária, mulher comunicativa e mãe de uma menina e dois meninos, que mesmo com as dificuldades financeiras, e a crise financeira e alimentícia que assolava o país devido aos Golpes de Estado, ao contrário do seu irmão, grande empresário, sempre que possível levava os seus filhos para visitar e sair com o avô. Em uma das visitas de Natal ao seu pai PapaNnukwu, Ifeoma resolve ir com seus filhos visitar Eugene e sua família em Enugu, o que possibilitou Kambili não só rever, mas conversar com Ifeoma, e, sobretudo, conhecer os seus primos pessoalmente, os quais só conheciam por meio dos relatos de sua mãe Beatrice. Conforme foi possível notar no romance *Hibisco Roxo*, da escritora Chimamanda Adichie, a narradora personagem Kambili ao se deparar com Ifeoma e perceber o quanto ela é corajosa, ficou fascinada com a coragem que ela transmitia. O fascínio foi tanto, que Kambili não conseguia desviar o olhar da tia, conforme relata: “Eu observava cada movimento dela sem conseguir desviar os olhos. Era por causa da coragem que ela transmitia, evidente em seus gestos enquanto falava, na maneira como sorria para mostrar o espaço entre os dentes” (ADICHIE, 2011, p.247).

Kambili ao ter contato direto com Ifeoma, mulher destemida, assim como manter relações com seus primos Amaka, Obioria e Chima que eram mais instruídos e insubmisso do que ela mesma e o seu irmão Jaja, permitiu que narradora personagem conhecesse novas possibilidades de vida, pois, enquanto na família dela o que prevalecia era a submissão, na família de Ifeoma a harmonia e a liberdade de se expressar fazia parte do seu dia a dia. Levando em consideração a influência de Ifeoma na vida de Kambili, a sua conscientização ocorre a partir da sua vivência com a sua tia Ifeome e primos. De acordo com “Danúbia Abadia (2017), todo povo que passou pela colonização, de alguma maneira passou por um processo de

reconstrução pós-colonial onde a guerra de libertação foi a grande parceira da consciência popular” (ABADIA, 2017, p.12. E no caso de Kambili lfeoma não só influenciou no despertar de uma nova mentalidade, mas também a formar essa nova mentalidade.

Durante as visitas de lfeoma a seu irmão, ela pede permissão para passear com os sobrinhos, o que deixou Kambili ainda mais impressionada com a sua coragem. Kambili que estava acostumada com a submissão da sua mãe, se enche de admiração por sua tia lfeoma, que, por vezes, falava com Eugene, pai de kambili, com tom “atrevido”. Segundo personagem relata em um dos trechos do romance *Hibisco Roxo*, vale também ressaltar que Chimamanda Adichie não aborda apenas o viés negativo da prática religiosa, mas ela vai além ao trazer à tona as hierarquias patriarcal da sociedade nigeriana, os aspectos referente ao comportamento e tratamento das mulheres, e sobretudo no caso de lfeoma ela traz uma mulher de voz ativa, atitude e que influencia, um exemplo disso é quando ela fala e pede ao irmão para os sobrinhos passar um tempo com ela e seus filhos. .

- Eugene - disse tia lfeoma bem alto -, eu estava dizendo que Jaja e Kambili deviam passar algum tempo comigo e as crianças amanhã.

Papa soltou um grunhido e continuou andando até a porta.

- Eugene!

Toda vez que tia lfeoma se dirigia a Papa, meu coração parava e depois começava a bater de novo, freneticamente. Era por causa daquele tom atrevido; ela não parecia reconhecer que aquele era Papa, que ele era diferente, especial. Tive vontade de apertar os lábios dela para fechá-los, e também para pegar um pouco de batom cor de bronze nos dedos. (249-250)

Diferente de tudo que Kambili estava acostumada, ao contrário das orações que seus pais estavam acostumados rezar, orações longas e sem canções tradicionais, ou seja, canções igbo que o pai desprezava diariamente. Ao se deparar com outra realidade vivida por sua tia e os primos, a qual as orações eram bem mais curtas e sempre pontuada por canções animada em igbo, sem contar com a alegria radiante da tia e dos primos quais possibilitava discursões sobre qualquer assunto o deixava surpreendida pelo fato dela não estar acostumada com tais comportamento. Segundo a própria personagem Kambile volta a descrever passagens a seguir do romance que o riso era sempre ecoava os cômodos da casa, as discussões surgiam rapidamente e com a mesma rapidez desapareciam, e as orações eram animadas e batiam palmas para mararem o ritmo das canções.

O riso sempre ressoava pela casa de tia Ifeoma e, não importava de que cômodo vinha, se espalhava por todos os outros. As discussões nasciam rapidamente e rapidamente também morriam. As orações da manhã e da noite eram sempre pontuadas por canções animadas em igbo que em geral exigiam que batêssemos palmas para marcar o ritmo. (ADICHIE, 2011, p. 458)

Segundo Nathalia Marcelo revela que “ a influência deixada pela cultura ocidental está hoje emaranhada à cultura tradicional africana nigeriana, sendo tema frequente na escrita da autora ” (MARCELO 2018, p. 3), além da escritora Chimamanda Adichie abordar temática da colonização do povo Igbo em suas obras literária, ela nos faz perceber através delas o quanto o contato do colonizado com a sua cultura tradicional o faz despertar, reviver e construir uma nova história de vivência de harmoniosa entre as duas culturas, a cultura tradicional e a cultura ocidental. Como é o caso da narradora personagem Kambili no romance *Hibisco Roxo*, que ao se despertar da sua mentalidade colonizada o padre Amadi confessa a ela “- Você pode fazer qualquer coisa, Kambili. Cantamos canções em igbo enquanto ele dirigia. Eu ergui minha voz até ela ficar suave e melodiosa como a dele.” (ADICHIE 2011, p.783)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa ficou evidente a forma que Eugene, pautado pelo ideal do colonizador branco, britânico, reformula sua identidade e a partir disso molda o comportamento de seus filhos, Kambili e Jaja, e de sua esposa Beatrice. Além disso, o interesse de Eugene em converter os seus familiares ao catolicismo, deve-se ao fato de ser um sujeito mentalmente colonizado. Isso porque, embora a Nigéria tenha conquistado a independência, o colonialismo continua a influenciar a sociedade nigeriana, sobre a qual versa o referido romance de Adichie.

Também foi possível evidenciar com essa pesquisa as formas de resistência ao colonialismo presentes em *Hibisco Roxo*, a partir das personagens Amaka e Kambili, duas mulheres que conseguem por meio de ações individuais confrontar a estrutura colonial ainda operante na sociedade nigeriana. Resistir para essas duas personagens significava não demonizar, como fez Eugene, a cultura e toda dinâmica

social de seu próprio povo por acreditar na falsa premissa de que os europeus são naturalmente superiores aos africanos.

Tanto Kambili quanto Aamaka questionam o colonialismo porque não foram colonizadas mentalmente com os inúmeros métodos adotados pelos colonizadores, por isso, ao contrário de Eugene, conseguem transitar pelos dois universos; o do colonizador britânico e o do colonizado nigeriano. Por ser parte de uma geração mais jovem, elas foram capazes de entender a necessidade de valorizar o modo de vida de seus antepassados que acabou se perdendo com a ostensiva colonização.

Referências.

ABADIA, Danúbia Mendes. A rejeição revolucionária do colonialismo: Amílcar Cabral e a luta de libertação na Guiné-Bissau e em Cabo-Verde. *Revista Espaço Acadêmico* - n. 183 – agosto/2016 – mensal ano XVI – ISSN 15196186.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

ÁFRICA, *História geral da África*, VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília : UNESCO, 2010. 1272 p. ISBN: 978-85-7652-130-3 1. História 2. História contemporânea 3. História africana 4. Culturas africanas 5. África I. Mazrui, Ali A. II. Wondji, Christophe III. UNESCO IV. Brasil. Ministério da Educação V. Universidade Federal de São Carlos

BATISTA, Mirian do Nascimento. *Hibisco roxo e o “estereótipo” africano: uma outra história do imperialismo*. 2014. 55p. TCC – Licenciatura em Letras. Orientador: Antônio Barros de Brito Jr. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CAMPOS, Juliana Sant'Ana. As manipulações das etnicidades como forma de controle, exploração e alienação em *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie. *Revista Crioula USP* – No. 16 – Dezembro de 2015.

CÊSAIRE, Aimé Césaire. *Discurso Sobre o Colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá de Costa Editora Sá de Costa, Lda. Rua Garrett,100 -102, Lisboa 1a° edição,1978

FANON, Frantz Fanon. *Os Condenados da Terra*, EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. Rua 7 de Setembro, 97 RIO DE JANEIRO.1968

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194

FALOLA, Toyin Falola. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. *Afro-Ásia*, 36 (2007), 9-38

FILHO E DIAS, Wilson Trajano Filho & Juliana Braz Dias. O colonialismo em África e seus legados: classificação e poder no ordenamento da vida social. *Anuário Antropológico/2014*, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 2: 9-22

LOPES. Melissa Mota. *Relações de gênero em Hibisco Roxo: o homem branco como paradigma*. 2017. 49p. TCC – Bacharelado em Letras - Inglês. Orientadora: Profa. Dra. Cintia Carla Moreira Schwantes. Universidade de Brasília, Brasília.

NUNES, Alyxandra Gome. Chimamanda Ngozi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário. *Revista África (s)*, v. 03, n. 05, p. 129-145, jan./jun. 2016

N972 NUNES, Alyxandra Gomes. *Conflitos silêncios e a guerra de Biafra na nação imaginada nos romances Purple hibiscus e Half of yellow sun de Chimamanda Ngozi Adichie* / Alyxandra Gomes Nunes. – 2016.

X, Malcolm X 1925-1965. *Autobiografia de Malcolm X/com a colaboração de Alex Haley*; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Record, 1992. Tradução de: The Autobiography of Malcolm X ISBN 85-01-01-464-8. 1 X, Malcolm, 1925 -1965 - Biografia.2. Revolucionário negro - Estados Unidos - Biografia.3. Estados Unidos – Relações sociais, Haley, Alex. II. Título 92-1102 CDD 923-273 CDU – 92 (X, Malcolm).

MARCELO, Nathalia Almeida. As marcas da colonização na Nigéria no século XX. *Revista África e Africanidades* – Ano XI – n. 28, out. 2018 – ISS 1983 – 2354 www.africaeaficanidades.com.br

RAMOS, Neila Roberta Carvalho. *Uma história sobre as muitas histórias de Chimamanda Ngozi Agichie*. 2017. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura. Orientador: Arivaldo Sacramento de Souza. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESENDE, Roberta Mara. *Gênero e nação na ficção de Chimamanda Ngozi Adichie*. 2013. 107p. Dissertação - Mestrado em Letras. Orientadora: Profa. Dra. Adelaine LaGuardia. Universidade Federal de São João d'El Rei/ Programa de Mestrado em Estudos Literários.

SILVEIRA, Valter Roberto. *Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX* / coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha e Muryatan Santana Barbosa. – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. *Por uma modernidade própria: o transcultural nas obras Hibisco roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie, e O Sétimo Juramento, de Paulina Chiziane*. 2013. 120 p. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. *Sobre identidades e diferenças: as relações de alteridade em Hibisco Roxo de Chimamanda Ngozi Adichie*. 2012. Disponível em: <www.abralic.org.br/anais/arquivos/2012_1434291083.pdf>. Acesso: 3.maio.2019.

VENTURA, Priscila de Carvalho Maia. *We have fallen apart: o legado colonial em Purple Hibiscus de Chimamanda Adichie e Things Fall Apart de Chinua Achebe*. 2018. 132p. Dissertação – Mestrado em Letras: Estudos Literários. Orientadora: Bárbara Inês Ribeiro Simões Diabert. UFJF/ Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, Juiz de Fora.